



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

MEDIAÇÃO CULTURAL - ARTES E LETRAS

**CORPORALIDADES DESTERRITORIALIZADAS EN PROCESOS DE
RETERRORIZACIÓN**

APOYO MUTUO EN LA LUCHA POR TIERRA Y TERRITORIO

CHRISTIAN MAURICIO PINILLA OLAYA

Foz do Iguaçu

2023



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

MEDIAÇÃO CULTURAL - ARTES E LETRAS

CORPORALIDADES DESTERRITORIALIZADAS EN PROCESOS DE RETERRITORIZACIÓN

APOYO MUTUO EN LA LUCHA POR TIERRA Y TERRITORIO

CHRISTIAN MAURICIO PINILLA OLAYA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural, Artes e Letras.

Orientador: Prof. Fabio Guilherme Salvatti

Coorientadora: Eng. Viviane Silva

CHRISTIAN MAURICIO PINILLA OLAYA

**CORPORALIDADES DESTERRITORIALIZADAS EN PROCESOS DE
RETERRITORIZACIÓN**

APOYO MUTUO EN LA LUCHA POR TIERRA Y TERRITORIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural, Artes e Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Fabio Guilherme Salvatti

UNILA

Prof. Dr. Cristiane Checchia

UNILA

Profa. Dr. Senilde Guanaes

UNILA

Foz do Iguaçu, 07 de Junho de 2023.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Christian Mauricio Pinilla Olaya

Curso: Mediação Cultural - Artes e Letras

	Tipo de Documento
<input checked="" type="checkbox"/> graduação	<input type="checkbox"/> artigo
<input type="checkbox"/> especialização	<input checked="" type="checkbox"/> trabalho de conclusão de curso
<input type="checkbox"/> mestrado	<input type="checkbox"/> monografia
<input type="checkbox"/> doutorado	<input type="checkbox"/> dissertação
	<input type="checkbox"/> tese
	<input type="checkbox"/> CD/DVD – obras audiovisuais
	<input type="checkbox"/> _____

Título do trabalho acadêmico: **CORPORALIDADES DESTERRITORIALIZADAS EN PROCESOS DE RETERRITORIZACIÓN. APOYO MUTUO EN LA LUCHA POR TIERRA Y TERRITORIO**

Nome do orientador(a): Orientador: Prof. Fabio Guilherme Salvatti

Coorientadora: Eng. Viviane Silva

Data da Defesa: 07/06/2023

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico y agradezco el trabajo a quienes me acompañan en este y otros procesos de lucha por tierra, territorio y vida.
A las personas entrevistadas por su apertura y colaboración.
A la *Teia dos Povos* por estimular y tejer redes de seres, rebeldes.
A mis progenitoras, la Madre Tierra y Susy Alexandra por posibilitar mi existencia.

A quien esté leyendo, por leerme.

Que nos encontremos en los *mutirões da vida*, ¡buen provecho!

“Nossos companheiros e nossas companheiras de esquerda, de modo geral, abandonaram a estratégia. Esqueceram-na guardada em livros empoeirados na estante e em congressos lamuriosos que convocavam à marcha do socialismo apenas com a boca. Depois da convocação, aqueles intelectuais e grandes lideranças saíam a beber e discutir e vulgarizavam a luta revolucionária como um papo boêmio esquecido com a ressaca. Abandonaram a estratégia e trataram as táticas como se fossem a política ampla e geral da organização. Então, aquele aliado que deveria ser tático virou um aliado eterno - até a hora da traição.”

Joelson Ferreira

Tarea del intelecto radical “recuperar las verdaderas proporciones entre el conflicto y la unión [...]recorrer al análisis minucioso de millones de pequeños hechos y de indicios vagos accidentalmente preservados en lo que restó del pasado, interpretarlos con la ayuda de la etnología contemporánea y, después de tanto escuchar hablar sobre lo que dividía los seres humanos, reconstruir, piedra sobre piedra, las instituciones que los unían”.

Piotr Kropotkin

RESUMEN

Con el intuito de contribuir a la construcción de un archivo de memoria sobre experiencias de movimientos sociales de base campesina en la lucha por la tierra y el territorio, se abordaron procesos de territorialización presentes en dos territorios que conservan el apoyo mutuo y la agroecología como principios de existencia, a saber: el Asentamiento *Terra Vista* y la Comunidad Tierra Libre, ambos ubicados en Bahía-Brasil. La presente investigación cualitativa a través de la metodología de investigación militante, analiza información obtenida de fuentes primarias por medio de la experiencia de campo con observación y participación activa en los procesos organizativos y acciones de los grupos observados. Complementada con investigación documental y bibliográfica, así como fuentes de entrevistas grabadas en formato audiovisual y disponibles en anexo. Este estudio tiene como objetivo analizar las estrategias de territorialización propuestas por las corporalidades que migraron al campo, así como la organización de grupos y espacios que se articulan para fortalecer las actividades productivas locales a partir del enfrentamiento de los daños generados por el decadente sistema económico hegemónico. Materializado en iniciativas apoyadas por la *Teia dos Povos*, fue posible constatar los beneficios del trabajo organizado en la modalidad de *mutirão/minga*, destacando la importancia de la oralidad como mecanismo que mantiene vivos los saberes ancestrales fundamentales en los procesos de territorialización examinados

Palabras clave: territorio; re-territorialización; *mutirão*; apoyo mutuo; oralidad

RESUMO

Com o intuito de contribuir para a construção de um arquivo de memória sobre experiências com movimentos sociais de base camponesa na luta pela terra e pelo território, se abordaram processos de territorialização presentes em dois territórios que preservam o apoio mútuo e a agroecologia como princípios de existência, sendo eles: o Assentamento Terra Vista e a Comunidade Terra Livre, ambos localizados na Bahia-Brasil. A presente investigação de caráter qualitativo através da metodologia de pesquisa militante, analisa informações obtidas de fontes primárias por meio de experiência de campo com observação e participação ativa nos processos organizativos e ações dos grupos observados. Complementado por pesquisa documental e bibliográfica, bem como fontes provenientes de entrevistas gravadas em formato audiovisual e disponibilizadas em anexo. Este estudo visa analisar as estratégias de territorialização propostas pelas corporalidades que migraram para o campo, bem como a organização de grupos e espaços que se articulam para fortalecer as atividades produtivas locais a partir do enfrentamento dos danos gerados pelo decadente sistema econômico hegemônico. Materializados em iniciativas apoiadas pela Teia dos Povos, foi possível constatar os benefícios do trabalho organizado na modalidade mutirão/minga, destacando a importância da oralidade como mecanismo que mantém vivos saberes ancestrais fundamentais nos processos de territorialização examinados.

Palavras Chave: território; re-territorialização; mutirão; apoio mutuo; oralidade

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografía 1 - Parte del Assentamento Terra Vista en los 90	26
Fotografía 2 - Parte del Assentamento Terra Vista.....	26
Fotografía 3 - divirtiéndose en el Centro Integrado Florestan Fernandes.....	27
Fotografía 4 – Pintando bandera del MST en el ATV	30
Fotografía 5 - Yoga durante el amanecer sagrado de la formación	32
Fotografía 6 - Mestre Joelson Ferrerira durante la rueda inaugural.....	32
Fotografía 7 - Oficina “Do Cacau ao Chocolate”, Area Experimental Cacau .	34
Fotografía 8 – Oficina “Mata Atlântica, biodiversidade, PANC’s”	34
Fotografía 9 - Clare y otros compañeros en la Oficina de Bioconstrucción ...	35
Fotografía 10 - Oficina de Bioconstrucción	35
Fotografía 11 – Beneficiamiento de Aruera. Oficina de óleos essenciais	37
Fotografía 12 – Oficina de <i>óleos essenciais</i> con la maestra Japira Pataxó ...	37
Fotografía 13 - Oficina de culinaria tradicional africana con Babalorixá Luciano de Oliviera Costa y otras integrantes de la Ilê Axé Ijexá Omi T'Odé	38
Fotografía 14 – Beneficiamiento, hojas de bananera para montar el Abará ..	38
Fotografía 15 - Oficina de chocolate con Solano	39
Fotografía 16 - Noche cultural durante la formación	39
Fotografía 17 – Rueda con <i>Seu Capixaba</i> y <i>Dona Tereza</i>	40
Fotografía 18 - Viviane recitando poesía del libro de Ademar Bogo para apertura de la rueda con el autor	41
Fotografía 19 - Ritual con William Pataxó.....	41

Fotografía 20 - Algunas clases de cacao agroecológico ATV.....	47
Fotografía 21 - <i>Mestra Elionice y Mestre Joelson son Teia dos Povos</i>	49
Fotografía 22 - Ismael de ATV descargando los primeros palos	51
Fotografía 23 - Trabajar con el sol bajo	51
Fotografía 24 - Reunión para novedades y alineamientos.....	54
Fotografía 25 - Gledson, maestro de obra y amigo	55
Fotografía 26 - Alistar el suelo bajo el fuego del cielo	55
Fotografía 27 - Ismael, Rodrigo, Luciano, Tarzan y Daniel.....	56
Fotografía 28 - Tercer día de construcción de la primera estructura	56
Fotografía 29 - Quinto día de construcción, segunda estructura	57
Fotografía 30 - Peixe seco de peito aberto ao mar	57
Fotografía 31 - Serra do Tororó, Avenida Marly, Terra Livre	58
Fotografía 32 - Acta de fundación de Asociación de Terra Livre	60
Fotografía 33 - Viviane colectando agua para consumo en el minador	61
Fotografía 34 - Cuscus para todas, cocina revolucionaria Terra Livre.....	64
Fotografía 35 - Tierralibreses.....	75
Fotografía 36 - Cuadrícula para base del <i>balaio</i> o <i>panicum</i>	77
Fotografía 37 – Tejiendo la base del <i>balaio</i>	78
Fotografía 38 - Vista contrapicada sobre <i>balaio</i> , cinta de fibra	79
Fotografía 39 - Plano general del <i>balaio</i> con 50 cm de altura.....	80
Fotografía 40 - <i>Balio de cipó</i>	80

SUMARIO

1.	INTRODUCCIÓN	13
2.	PRIMER TOMO: TEIA DOS POVOS	19
	2.1 RETERRITORIZACIÓN	21
	2.2 CON M DE <i>MUTIRÃO</i> Y MINGA	23
3.	SEGUNDO TOMO: ASSENTAMENTO TERRA VISTA	25
	3.1 APRENDER EN LA PRÁCTICA, FORMACIÓN AGROECOLÓGICA INTEGRAL DEL BIOMA DE MATA ATLÁNTICA	31
	3.2 GRUPO DE COOPERACIÓN SIMPLE.....	43
	3.3 CONSTRUCCIONES EN LA VII JORNADA DE AGROECOLOGÍA DE BAHÍA	48
4.	TERCER TOMO: TERRA LIVRE	58
	4.1 COCINA – REVOLUCIONARIA – TERRA LIVRE	64
	4.2 <i>CIPÓS E AXÉ: ENTRELAÇAR DE CONTAS</i>	67
	4.3 NARRACIONES LLEGANDO A TRABAJAR EN EL TEJER DE AFECTOS Y CUIDADOS.....	70
	4.4 EL TRABAJO SE APRENDE HACIENDO. BALAIOS Y ANCESTRALIDAD.....	76
5.	CONSIDERACIONES FINALES	82
6.	REFERENCIAS	84
	APENDICE A – ENTREVISTA CON EL SR. REIS	88
	APENDICE B – ENTREVISTA CON MESTRE JOELSON	104
	APENDICE C – ENTREVISA CON CLARENOIS	109

APENDICE D – CUESTIONARIO DE ENTREVISTAS SEMIDIRIGIDAS114

APENDICE E – ENTREVISTAS CON INTEGRANTES DE TERRA LIVRE.115

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATV	Assentamento Terra Vista
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ILAACH	Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
MST	Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra

1. INTRODUCCIÓN

Pretendiendo entender la coyuntura actual y las adaptaciones a las necesidades que esta implica, corporalidades desterritorializadas optan por ir en dirección a lugares que les permitan fijar sus raíces para fortalecer su estabilidad y acción comunitaria. Ese proceso que llamaremos de (re)territorialización, se expresa en el entendimiento de los límites de nuestra existencia como especie dentro del sistema moderno colonial, principalmente dentro del espacio urbano. Si bien, es necesario entender nuestro vínculo con la tierra en ese proceso, surge la necesidad de que esa tierra pueda ser productiva fuera de la lógica depredadora extractivista impuesta y posibilite caminos de autonomías.

Partiendo de experiencias migratorias propias y de algunos integrantes de movimientos emancipatorios hacia el campo, abordamos la práctica política de (re)territorialización impulsada por la necesidad de actuar sobre líneas de frente con principios emancipatorios, basados en el apoyo mutuo como factor de la evolución, el trabajo colectivo/mutirão y vida comunitaria; recurriendo a la agroecología como catalizadora de conocimientos sobre el cuidado con la tierra heredados en la sabiduría ancestral de los pueblos originarios, afro diaspóricos y otros en resistencia.

El presente estudio caracterizado como una investigación cualitativa, se aproxima a los objetos y sujetos por medio del estudio de casos. Explorando fuentes primarias, las informaciones aquí analizadas se obtuvieron mediante la vivencia de campo con observación y participación activa en los procesos organizativos y acciones de los grupos analizados. Complementado por la investigación documental y bibliográfica, además de fuentes provenientes de las entrevistas realizadas durante el desarrollo del trabajo.

Metodológicamente, esta investigación documental y de acción militante, busca registrar e integrar reflexiones sobre las dinámicas de creación de territorios autónomos pautados en el apoyo mutuo y la cooperación vinculados a la agroecología, como principios activos presentes en formas de organización social que posibilitan construir propuestas alternativas y espacios para pensar y enfrentar los perjuicios generados por el decadente sistema económico hegemónico.

El cuerpo textual de este trabajo está dividido en tres tomos. El primero titulado *Teia dos povos*, además de un acercamiento inicial a la formación y principios de esa organización, introduce también una propuesta de conceptualización de la idea de (re)territorialización, abordando el concepto de territorio desde los estudios culturales y de geografía; relacionando el trabajo colectivo en dos expresiones y prácticas tradicionales preservadas por los pueblos originarios: la minga y el mutirão.

El segundo tomo presenta algunas observaciones sobre la experiencia del asentamiento Terra Vista como ejemplo concreto de territorios autónomos y referencia internacional de transición agroecológica efectiva, a partir de observaciones a los esfuerzos de construcción de la “*Universidade dos Povos*”, realizadas durante la participación de lo que en su respectiva sesión se tituló “Aprender en la Práctica, Formación agroecológica integral del bioma de mata atlántica”; así como del análisis sobre el “Grupo de Cooperación Simple” y Grupo de Mujeres del ATV. En el mismo tomo se abordó el esfuerzo del Asentamiento Terra Vista como núcleo de base de la Teia dos Povos materializado principalmente en la participación para las “Construcciones en la VII Jornada de Agroecología de Bahía”. Rescatando de estos proyectos la técnica característica que tienen en común: el mutirão como práctica comunitaria ancestral esencial para la consolidación de territorios de vis emancipatorio y la cocina como lugar donde se preparan las revoluciones.

El tercer tomo se compone por secciones que informan sobre procesos y tácticas empleadas por los integrantes de la comunidad Terra Livre - Serra do Tororó, localizada en la región Médio rio de Contas del estado Bahía, para levantar un territorio que alberga y permite la formación práctica de militantes, priorizando en este análisis la propuesta “Cocina - revolucionaria - Terra Livre”. Con el intuito de aportar al archivo que conserva las memorias sobre movimientos sociales por tierra, y valiéndose de registros escritos e imágenes, se describe parte de estas experiencias con el fin de asentar los conocimientos allí desarrollados.

Dando centralidad a las prácticas de la oralidad, en la segunda y tercera sección de ese tomo se discurre sobre los procesos de (re)territorialización ensayados por la comunidad Terra Livre (soportados por datos obtenidos en entrevistas que quedaron registradas y disponibles en los apéndices del documento). Parte de las informaciones

obtenidas ayudaron a componer las secciones “Cipós e axé: entrelaçar de contas” donde se aborda la importancia de los conocimientos pasados por medio de la oralidad en la experiencia de la familia Reis; y en “Narraciones llegando a trabajar en el tejer de afectos y cuidados” que es la sección dedicada a observar el entendimiento de la oralidad para algunos de los integrantes de Terra Livre. Ya la sección “El trabajo se aprende haciendo. *Balaíos* y ancestralidad” es un memorial descriptivo del proceso de creación de *Balaíos*, como experiencia creativa de (re)conexión con la naturaleza, los conocimientos ancestrales pasados por la oralidad, y la búsqueda de una actividad productiva local.

Interesa comentar brevemente parte de mi trayectoria con el fin de argumentar la elección por investigación militante como metodología. En un intento por exonerar estas observaciones de la objetividad y neutralidad aduladas en el mundo de la academia, reconocí el peso de las ideologías emancipatorias que me interesa conocer más y opté por dirigirme a espacios donde podría encontrar este tipo de prácticas/resistencia. En ese sentido, la metodología de investigación militante me permite comprender diferentes formas de lucha no más como potenciales categorías analíticas o nativas (GUIMARÃES, 2018) sino como opción táctica y estrategia para mediar mi existencia entre el medio académico y la realidad concreta. Cabe resaltar que la idea de militancia aquí abordada, es una relectura que prioriza la acción y gestión social activa, en función de los *alineamientos interpretativos* (SILVA, et al., 2017, p. 149) colectivos sobre las causas y proyectos de instinto emancipatorio.

En 2011, la movilización por la educación de Colombia despertó un interés por participar en colectivos de acción directa y propuestas de organización que pautaran sus intervenciones basadas en análisis de coyuntura donde contemplaran la cuestión de la tierra y acceso a la educación. Generalmente la intención desencadenó momentos de afronte explícito al orden establecido en los que vidas eran colocadas en evidente peligro. Después de varias contiendas decidí abrirme caminos profundos en la tierra, participe de algunas esporádicas jornadas de reforestación en parques y campañas de defensa de humedales en Bogotá, entre otras propuestas afines. En 2017 viaje para Foz de Iguazú al sur de Brasil, una ciudad particular no solo por su condición de triple frontera, sino también por su configuración de “ciudad campestre”, esto debido a una fuerte influencia de la herencia familiar agroalimentaria. Enseguida

comencé a experimentar empíricamente con germinar semillas, plantar mudas, reutilizar aguas, y otras prácticas que fueron modificando drásticamente mi relación con la tierra.

Entre 2019 y 2022 participe de varias jornadas de mutirão - la mayoría organizadas en su momento por la colectiva Colmena Latina¹ - que se realizan periódicamente en la Horta Comunitaria Arapy (HIRLE, 2020), y percibí una vez más el potencial del trabajo colectivo con la tierra, pero esta vez de forma diferente a como lo había experimentado en Bogotá. Actualmente, esa huerta comunitaria se ha expandido, todos los sábados, personas de la comunidad llegan para unirse al trabajo en la huerta de forma autoorganizada; así mismo van surgiendo otros proyectos como la red de mutiroes en las casas que desean construir en sus quintales, espacios para la producción de alimentos y hierbas medicinales. Cada final de semana, personas se reúnen en alguna de esas casas y realizan un mutirão, llevan y plantan mudas, crean y cuidan de composteras orgánicas, hacen manejo de las plantas y huertas, entre otras funciones que visan mejorar la relación de las personas con la tierra al mismo tiempo que favorecen espacios para la producción de alimentos, intercambio de experiencias y afines.

Compartir con la tierra modifica física e intelectualmente, vivifica el interés de entender con mayor profundidad las dinámicas que se dan en torno al trabajo con la tierra y como estas estimulan y posibilitan mudanzas en las relaciones entre humanos, naturaleza, y otras fuerzas. Dentro de esas búsquedas pase por Terra Livre un par de semanas a finales del 2021, y un año después retorne sumándome a los trabajos que allí se estaban realizando, procurando en esos procesos, encontrar un sentido para desarrollar esta investigación (dicho viaje para estudio de campo fue realizado en parte con recursos obtenidos a través del Edital nº 111/2022/PROGRAD, referente al *Programa de Apoio a Discentes em Trabalho de Conclusão de Curso*, publicado por la UNILA). Gracias a todo ese proceso, actualmente colaboro en el sector de comunicación de la Teia dos Povos y hago parte del Núcleo de Base - Assentamento Terra Vista. Es a partir de este territorio - que emergen las reflexiones aquí expuestas

¹ <https://colectivacolmena.wordpress.com> Visto 10/02/2023

- desde donde me pregunto sobre la fuerza ejercida por organizaciones sociales en sus procesos de autogestión y que visan modificar las formas de relación en y con la tierra como herramienta en la construcción de territorios.

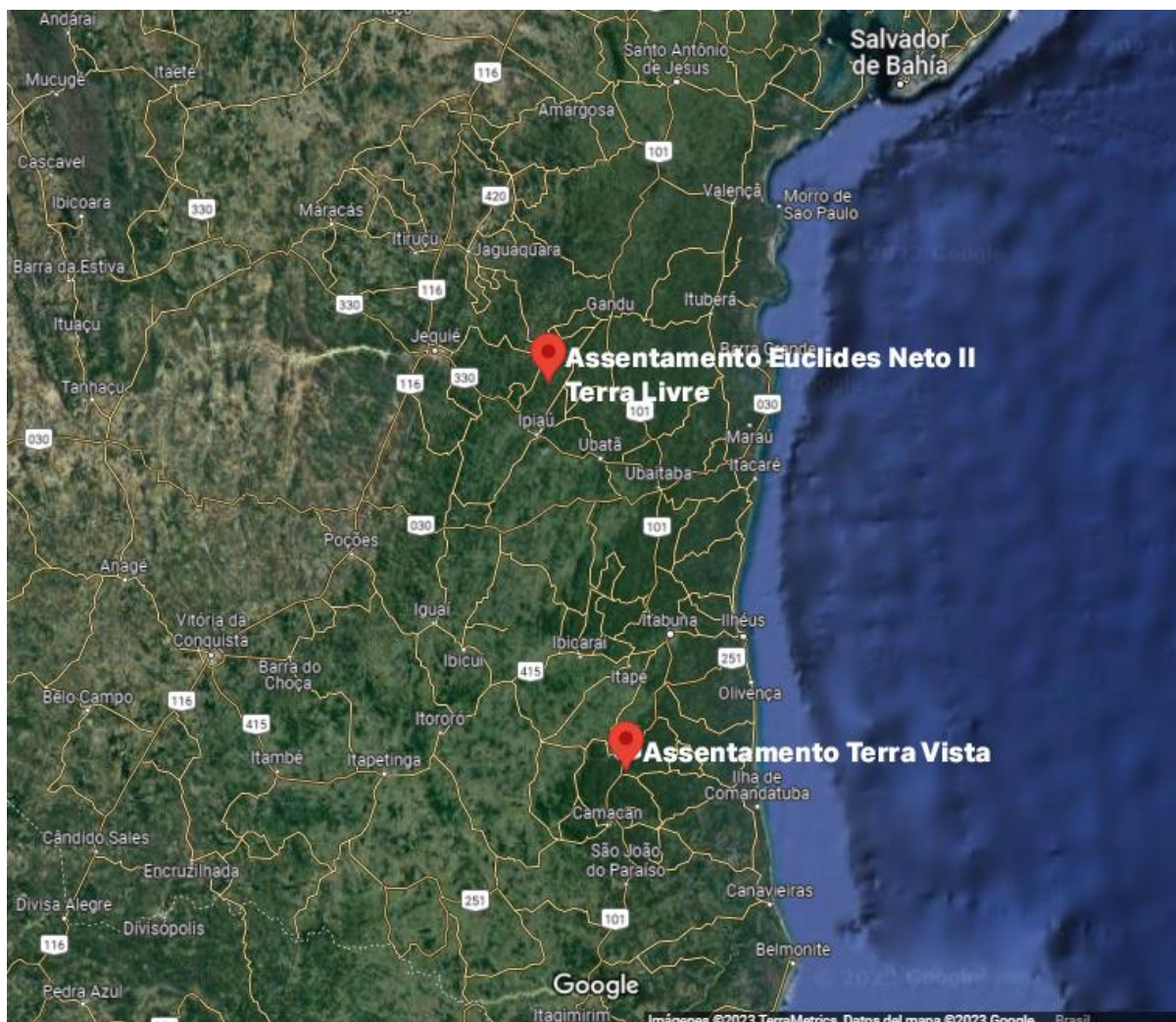
Así, durante 9 veces permanecí en el estado de Bahia, haciendo el estudio de campo en dos territorios vinculados a la Teia dos Povos. Durante este tiempo tuve la honra de conocer varias maestras y maestros de los conocimientos tradicionales de pueblos originarios y quilombolas, y también a algunos integrantes de la comunidad Terra Livre.

Para este trabajo entreviste a algunas de esas personas que relacionare brevemente aquí, pero en cada sección se encuentra más información sobre ellos, desde sus propias declaraciones. El señor Reis, morador del asentamiento Euclides Neto II, que me enseñó sobre la colecta de cipó y la elaboración de artefactos con ese material. El maestro Joelson Ferreira, escritor de una de las obras que guiaron esta investigación, morador del asentamiento Terra Vista, idealizador y consejero de la Teia, con quien continúo aprendiendo sobre el cuidado de la tierra y la articulación política para la lucha por tierra y territorio.

Entre los compañeros de Terra Livre esta Viviane Silva, ingeniera de producción, coorientadora de esta investigación, compañera de lucha con quien conseguí crear una amistad íntima; Claudir, joven del *sertão bahiano*, que a sus 21 años decidió radicalizar su lucha por tierra y vincularse al MST, fue de los primeros integrantes de Terra Livre; Bruno, diseñador gráfico carioca, militante de la Teia dos Povos que actualmente vive y hace parte del núcleo del asentamiento Terra Vista; Clare, antropóloga, militante de la Teia y activa en la lucha por tierra y territorio a quien conozco desde el 2018 y con quien he construido una amistad de lucha que perdura hasta hoy, también moradora y perteneciente al núcleo del ATV; Diego, joven nacido en Salvador de Bahia, artista, activista en el colectivo “Reaja ou seja morto”, fue integrante de Terra Livre.

Las siguientes paginas contienen parte de las experiencias vividas durante ese viaje de investigación, acción, formación, y militancia. Deseo a quien este leyendo, un buen viaje por estas paginas que contiene pensamientos, testimonios y esperanza.

Figura 1 - Mapa del Estado de Bahía con territorios señalados



Fuente: Google Maps, 2023. En el mapa se observa parte del estado de Bahía, y aparece señalada la ubicación de los asentamientos del MST observados para esta investigación. En la parte superior, entre los municipios de *Gandu*, *Jequié* e *Ipiáu* está el *Assentamento Euclides Neto II*, territorio en el cual se organizó la comunidad *Terra Livre*. Y hacia el sur del estado, cerca de la BR 101, entre los municipios de *São José da Vitória*, *Arataca* e *Camacã* está el *Assentamento Terra Vista*, sede de la fábrica de Chocolate Rebelde reconocida internacionalmente por producir chocolate de alta calidad con cacao agroecológico.

2. PRIMER TOMO: TEIA DOS POVOS

Germinada en 2012 durante la primera Jornada de Agroecología da Bahía que tuvo como sede el Assentamento Terra Vista del MST en el sur de Bahía, la Teia dos Povos es una red de articulaciones de comunidades, territorios, pueblos y organizaciones políticas, rurales y urbanas. Extractivistas, *ribeirinhos*/ribereños, pueblos originarios, *quilombolas*/palenqueros, periféricos, *sem terra*/sin tierra, *sem teto*/sin techo y pequeños agricultores se juntan, en cuanto núcleos de base y ejes, en esa composición con el objetivo de formular los caminos de emancipación colectiva. Es decir, construir solidariamente una Alianza Negra, Indígena y Popular. (TEIA DOS POVOS, 2020)

Bajo el proyecto de Tierra y Territorio por la vía de la Autonomía, la Teia dos Povos manifiesta su búsqueda por:

“construir uma aliança de luta desatrelada da política eleitoral e das instituições do Estado. Dar forma à autonomia dos povos e delinear um programa de soberania alimentar são os passos que compreendemos como necessários para uma verdadeira libertação, pois nos está historicamente evidente que só as nossas próprias mãos nos darão as condições de defender as nossas sobrevivências [...] Desse modo, **colocamos como fundamento as sementes crioulas**. Retornamos ao início, ancorados na sabedoria ancestral, procurando pensar uma prática agrícola discrepante da atualmente hegemônica. Contrários a tudo o que o agronegócio representa – projeto de morte contra biomas, violência latifundiária contra comunidades tradicionais -, estabelecemos na lida agroecológica a geração de riqueza e a conservação da Terra como totalidade da Vida.” (TEIA DOS POVOS, 2020)²

Los principios fundamentales de la Teia dos Povos son: **I)** Tierra y alimento como principio filosófico y de vida, que se construye a través de la solidaridad irrestricta a los movimientos por la defensa de la territorialidad, usando como instrumento la pedagogía del ejemplo; **II)** Trabajo y estudio para la libertad, que posibilite la construcción de un nuevo modo de vida, desconstruyendo la herencia de los modelos capitalistas, racistas y patriarcales; **III)** Reafirmar la mirada ancestral en la edificación de un nuevo tiempo, contextualizado a nuestras maneras.

² Disponible en: <https://teiadospovos.org/sobre/> Acceso en 08-04-2023

Siguiendo esos principios, la Teia se propone crear articulaciones y debates continuos entre sus pueblos y comunidades confederados con el fin de atender a las necesidades que los mismos presentan. Para cumplir ese objetivo, la Teia organiza Pre Jornadas y Jornadas en las cuales se trazan las agendas y se realizan acciones para cooperar con los procesos de avance en la emancipación de sus pueblos constituyentes y en segunda instancia, del resto de la sociedad.

Organizada desde siempre en formato de red, la Teia fomenta espacios de carácter político y pedagógico para la estructuración de los pueblos del campo, que se congregan para pensar las practicas del campo desde la perspectiva agroecológica, el papel de la educación para la reproducción de los conocimientos comunitarios y de la vida en general.

Dentro de la Teia, surgen algunas alianzas tácticas entre los *elos* y *núcleos*³. De esas alianzas resultan iniciativas de acción colectiva que posibilitan la inserción de personas interesadas en hacer parte de las diferentes organizaciones. Una de esas tentativas dio lugar a Terra Livre. Al mismo tiempo que el *Assetamento Terra Vista* se configura como núcleo de las articulaciones, apoya y sirve de referencia para la configuración y fortalecimiento de otros territorios mediante acciones guiadas por la Teia dos Povos.

De manera que existen posibilidades de vincularse a procesos de organización territorial. Las personas desterritorializadas, pueden encontrar en acciones con la Teia dos Povos, espacios para articularse en los procesos de formación territorial. Para aprovechar esta perspectiva, en próximas secciones abordaremos el concepto de (re)territorialización a partir de estudios geográficos y culturales.

³ La Teia dos Povos está compuesta por territorios organizados, por organizaciones políticas y personas desterritorializadas. Los territorios organizados, son llamados de **Núcleos de Base**, es de ellos que debe surgir la directriz de acción, pues es donde emerge la organización, la dirección de lucha. Ya los colectivos, organizaciones y personas desterritorializadas, son llamadas de **Elos da Teia**, pues son conectores que se ligan a los Núcleos de Base y tienen un papel fundamental para cumplir con las tareas de la gran jornada.

2.1 RETERRITORIZACIÓN

Muchas son las definiciones y abordajes que se han hecho sobre el concepto “territorio”. El debate se intensificó con la globalización y las tecnologías de información y comunicación, entre otros factores. Aquí conversaremos con algunas perspectivas principalmente afrodescendientes - entendiendo que la noción de comunidad y territorio heredadas por nuestras africanas es completamente diferente de la configuración occidentalizada - comenzando por el bahiano Milton Santos, quien discutiendo la relación entre dinero y territorio, plantea que

“O território não é apenas o conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas. O território tem que ser entendido como o **território usado**, não o território em si. O território usado é o chão mais a identidade. A identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida. (SANTOS, 1999, p. 8)

En ese sentido, es posible pensar que aquellos sujetos desposeídos de vínculos profundos con algún lugar, están en condición de desterritorialización ya sea porque no consiguieron crear esos lazos todavía, o alguna situación ocasionó la quiebra de esas conexiones. Así mismo, el esfuerzo para re-crear esos vínculos puede ser entendido como parte de la (re)territorialización. Esa transformación incluye no sólo las relaciones entre los sujetos y de los mismos con el espacio-tiempo de forma material, sino que corresponde también a los procesos de identificación subjetiva con aquel territorio.

Coincidentemente, (re)territorializar implica entonces acceso a tierra para poder construir territorios, porque es la tierra - bien cuidada - quien proporciona a sus habitantes las condiciones necesarias para su sobrevivencia e identificación. Es en ese sentido que caminan diversas organizaciones sociales (sin ánimo de romantizar lo que ese proceso de transición puede implicar, como la exposición a perder la vida por buscar acceder a tierra en las operaciones de retomada, por ejemplo) como algunas de las aquí mencionadas.

Paralelamente, el maestro Joelson (de quien se hace destaque en otra sección de este documento) comenta que, gracias a las alianzas desde los Tamoios a Canudos, pasando por Palmares y otras tantas experiencias de alianzas entre pueblos originarios y quilombolas, podemos observar que la lucha por tierra y territorio es una

tradición histórica en Brasil. Sobre esta práctica emancipatoria, apunta que

"O princípio é, portanto, a terra, a luta por se manter nela ou retornar para ela. O fim, nosso objetivo final, é o território descolonizado do capitalismo, do racismo e do patriarcado. Ou seja, a superação dessas formas de dominação violentas a que fomos submetidos até agora. E o meio para conseguir obter essa vitória está nos próprios territórios, produzindo alimentos, nos dando autonomia, organizando as pessoas e protegendo a vida, pois, se não tomarmos os territórios agora, talvez não exista vida para disputar no futuro" (FERREIRA, 2021, p. 45)

Otro ámbito significativo en la (re)territorialización es el fortalecimiento de los vínculos interpersonales que darán soporte a los trabajos manuales asumidos por las corporalidades involucradas para realizar la construcción territorial. Entre tanto, son el trabajo organizado y las relaciones sociales en él emergentes, factores que constituyen la identidad territorial. Por ese motivo es indispensable analizar y transformar la lógica de las relaciones empleadoras propias del sistema de mercado laboral, para crear colectivamente relaciones de trabajo emancipatorias. Servirá entonces, como valor esencial de esas relaciones, el apoyo mutuo.

Llegados a este punto, encontramos en la obra de Piotr Kropotkin: "El Apoyo Mutuo, un factor de la evolución", cuantiosas evidencias múltiples que demuestran la prevalencia del apoyo mutuo como un factor de organización en varias sociedades animales humanas y no humanas, distinguiendo el surgimiento de territorios mutuos forjados a partir del trabajo colectivo y de cooperación para sobrevivir a las intemperies naturales, o mantener la resistencia a los modos de sociedad basados en el poder y las jerarquías.

En la descripción que hace sobre las "comunidades aldeanas", Kropotkin afirma que el apoyo mutuo se concretiza en el territorio, en las relaciones de sus habitantes - contrariando a la supuesta "ley del más fuerte" pregonada por los darwinistas y adoptada por los economistas liberales para justificar la implementación del modelo económico que plantean - que se amalgaman en la sociabilidad solidaria.

«Evitad la competencia. Siempre es dañina para la especie, y vosotros tenéis abundancia de medios para evitarla». Tal es la tendencia de la naturaleza, no siempre realizable por ella, pero siempre inherente a ella. Tal es la consigna que llega hasta nosotros desde los matorrales, bosques, ríos y océanos. «Por consiguiente: ¡Uníos! ¡Practicad la ayuda mutua! Es el medio más justo para garantizar la seguridad máxima tanto para cada uno en particular como para todos en general; es la mejor garantía para la existencia y el progreso físico, intelectual y moral». (KROPOTKIN, p. 56)

2.2 CON M DE MUTIRÃO Y MINGA

Existen entre las costumbres cooperativistas, varias formas de organización para el trabajo colectivo. Llama la atención los conceptos de Mutirão y Minga, que etimológicamente son distintos, pero se refieren a tradiciones/prácticas similares. No es intención de este trabajo profundizar en la descripción de estos conceptos ni en la relevancia de sus características para el desarrollo de la sociedad; sino documentar algunas experiencias de estas formas de trabajo colectivo basadas en el apoyo mutuo y su importancia para la construcción de autonomías principalmente en las comunidades analizadas.

En la superficie del continente que linda con el océano Pacífico, sobre las extensiones de la cordillera de los Andes, encontramos la Minga; práctica ancestral de pueblos andinos caracterizada por la organización del trabajo colectivo alrededor del alimento y la tierra. El sociólogo Julio Obando, define la minga como “*una especie de trabajo comunal en forma gratuita y por turno, que era una forma de beneficio para el Estado (Inti)*” (OBANDO, 2015, p. 85). En ese momento de reunión y cooperación para participar en el trabajo colectivo de construir locales, canales de riego, plantar y otras diversas tareas, varias familias acudían llevando sus herramientas y alimentos.

Pensado la configuración de las comunidades a partir de las relaciones sociales entre sus integrantes y los intercambios que entre estas acontecen, Obando apunta que

“la *Minga* es un proceso de transformación que se motiva desde la comunidad, donde es fundamental tener en cuenta lo soñado, lo planificado, conducido y evaluado por ella, donde el objetivo principal es potencializar las fuerzas y la acción para lograr una mejor calidad de vida en su población y conquistar así nuevas metas. (OBANDO, 2015, p. 87)

Del mismo modo, Clovis Caldeira analiza el origen del Mutirão y las principales características de prácticas de ayuda mutua entre las poblaciones rurales brasileñas. El autor señala diferentes términos utilizados para referirse a esta práctica, y afirma que es una forma de organización del trabajo cooperativo con intereses comunitarios y/o individuales que tiene como finalidad realizar actividades de alta demanda laboral con mayor efectividad y en menos tiempo. También apunta que en las poblaciones originarias de América Latina así como en varias partes del mundo “*as instituições de*

auxílio mútuo subsistem à transformação do regime de trabalho, constituindo-se em certas áreas o lastro sôbre o qual se desenvolvem na atualidade formas avançadas de cooperação.” (CALDEIRA, 1956, p. 6)

Para el MST⁴ (y otros movimientos sociales de base comunitaria en general), el Mutirão es una forma de organización legal de cooperación agrícola, la más utilizada en las comunidades levantadas por este movimiento. Estando en la misma categoría de las Asociaciones y las Cooperativas, el Mutirão como forma de trabajo conjunto con los vecinos, es al mismo tiempo una identidad colectiva de organización de posesión sobre la tierra que se basa en la propiedad colectiva y distribución del trabajo para beneficio de toda la comunidad. (MST, 1986, p. 187)

⁴ MST *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra* germinado en 1984, “organiza a los campesinos Sin Tierra en la lucha por la realización de una reforma agraria para transformar el campo en un lugar donde los trabajadores y trabajadoras puedan vivir con condiciones dignas y producir alimentos saludables. El MST moviliza familias expulsadas del campo por grandes latifundios y empresas multinacionales del agronegocio, para luchar por la tierra y la transformación social. Hombres, mujeres, niños y ancianos participan del movimiento de forma colectiva enfrentando los desafíos para construir un mundo mejor. En enero de 2023 el MST cumple 39 años, durante su existencia fueron organizadas miles de ocupaciones y movilizaciones para la expropiación de grandes propiedades improductivas. - Actualmente, el MST está formado por 450.000 familias asentadas y alrededor de 90.000 familias acampadas, organizadas en 24 estados brasileños. A través de su organización, estas familias continúan presionando por escuelas en el campo, desde educación infantil hasta universidad, crédito para producción y cooperación agrícola, además de acceso a servicios de salud, cultura y ocio. Una de las contribuciones más importantes del MST para la sociedad es la producción de alimentos saludables para poblaciones rurales y urbanas. Para tal fin es fomentado un trabajo colectivo con base en los principios de la agroecología, lo que resulta en 160 cooperativas y 1900 asociaciones comunitarias. El movimiento también desarrolló más de 120 agroindustrias que contribuyen para mejorar la renta y las condiciones de trabajo en el campo, además de ofrecer alimentos saludables. Las personas que viven en asentamientos continúan movilizadas al lado de otros sin tierra luchando por la conquista de su dignidad. Colaboran en las movilizaciones que exigen acceso a tierra de las familias acampadas que viven en centenas de campamentos en todo Brasil actualmente. El MST tiene articulaciones con movimientos y organizaciones de los 5 continentes, en especial a los que hacen parte de la vía campesina y que comparten la misma visión del movimiento en relación a la tierra, el compartir de conocimientos común, la preservación de semillas, la producción agroecológica, la educación popular y la convivencia con la naturaleza. (disponible en <https://www.youtube.com/watch?v=kvKhNUkxfYk> transcripción y traducción nuestra, actualización de datos basadas en informaciones disponibles en la sitio de internet oficial del MST)

3. SEGUNDO TOMO: ASSENTAMENTO TERRA VISTA

Fruto de la lucha incesante por la reforma agraria de los *trabalhadores rurais sem terra*, en una avanzada de expansión del MST para enfrentar el desempleo generado por la crisis económica de 1980 en la región cacauera de Bahia y norte de Espírito Santo; el 8 de marzo de 1992 fue declarada la ocupación de la *fazenda Bela Vista*, ubicada en el municipio de Arataca al sur de Bahia, sobre la BR 101. Inicialmente la operación conto con 360 familias sin tierra, desabrigadas, provenientes de diferentes regiones de bahía y estados cercanos con el respaldo del MST. Como era de esperarse por estar el corazón del cacao en Bahía, la hacienda era una extensa plantación de cacao infestada por la plaga “vassoura de bruxa” que se encontraba improductiva, sin embargo, sus antiguos dueños se recusaron a perder la posesión de las tierras y atacaron violentamente apoyados por las fuerzas del estado, pistoleros y sectores del poder político, a los y las ocupantes, de las cuales solo quedaron 28 familias que resistieron a 5 actos de despejos. Después de diversas marchas hasta Salvador, Brasilia y otras ciudades, además del intenso trabajo con la tierra, en 1994 el MST se dispuso a organizar el que vendría a ser conocido como *Assentamento Terra Vista*, con una característica diferenciada en comparación a la mayoría de asentamientos del movimiento: la tierra en Terra Vista es dividida por el trabajo y no por los metros brutos con los que divide el INCRA.

En el año 2000, inspirados por la sabiduría ancestral de los pueblos originarios y afrodiásporicos, en diálogo con los conocimientos científicos sobre el cuidado de la tierra expresados en la obra de Ana Primavesi y otros autores; Terra Vista inicio los procesos de transición agroecológica y actualmente alberga 55 familias asentadas. El territorio cuenta con 916.6 hectáreas de las cuales 313 son de Mata Atlántica Preservada y 313 son de *Cacau Cabruca*; el 92% de la mata ciliar del *Rio Aliança* y el 80% de las nacientes fueron recuperadas hasta el momento. También cuenta con 7 hectáreas adecuadas para piscicultura, además de un vivero que cuida y produce diversas especies nativas y de cacao, cultivos de fructíferas y hortalizas certificadas con sello de producción orgánica. Terra Vista es referencia en agroecología y

preservación ambiental, además de ser reconocido internacionalmente por la producción del *chocolate rebelde*⁵ orgánico de alta calidad.

Fotografía 1 - Parte del Assentamento Terra Vista en los 90



Fuente: Autoría desconocida, acervo de la comunidad. Fecha del registro aproximadamente 1997

Fotografía 2 - Parte del Assentamento Terra Vista



Fuente: Sector de Comunicación del asentamiento Terra Vista. Acervo de la comunidad. 2014

⁵ Chocolate orgânico Terra Vista, producido por jóvenes del asentamiento, con el cacao orgánico cultivado de forma agroecológica dentro del territorio.

Además del acceso a la tierra para habitarla de forma responsable, las familias asentadas notaron desde el inicio la importancia de la educación, y en 1997 crearon la primera escuela del territorio, actualmente nombrada “*centro integrado Florestan Fernandez*”, que acoge a personas de diferentes edades y partes de la región (Fotografía 3). La comunidad sintió entonces la necesidad de una enseñanza profesionalizante y en noviembre de 2010 inauguraron el ahora conocido “*Centro Estadual de Educação Profissional da Floresta do Cacau e do chocolate Milton Santos*”, que ofrece enseñanza secundaria profesionalizante y cursos técnicos presenciales y de alternancia con enfoque en las ciencias de producción agrícola. Dentro del território está situada la *Fábrica Escola do chocolate Litoral Sul*.

Fotografía 3 - divirtiéndose en el Centro Integrado Florestan Fernandes



Fuente: Autoría propia, acervo de la comunidad. 2022

Uno de los maestros que inspiró en esta investigación es Joelson Ferreira. Nacido el 28 de Agosto de 1961 en *Nova Alegria*, Municipio de *Itamaraju*, en el *Extremo Sul da Bahia* El Mestre Joelson, como se le dice cariñosamente y con respeto por ser un verdadero maestro vivo de los saberes tradicionales, es líder en el ATV e idealizador y consejero de la Teia dos Povos. Con más de tres décadas en la lucha por tierra, fue coordinador de operaciones y frente de masas, estuvo en la dirección nacional del MST y participó en varias ocupaciones que el movimiento realizó durante la expansión hacia la región corazón del cacao en bahía. Además de ayudar a convertir el ATV en una referencia internacional de agroecología y autonomía

territorial, durante los años 80 actuó en la formación del partido político brasileiro PT (*Partido dos Trabalhadores*) y de la CUT (*Central Única dos Trabalhadores*). Autor de varias obras y acciones relevantes para la unión de los pueblos en procesos de emancipación, Joelson es *doutor em Arquitetura e Urbanismo* por la *Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)*.

En entrevista con Joelson, el maestro señala algunas provocaciones que se hacen dentro de la Teia dos Povos y discurre sobre el territorio como un factor fundamental para la identidad, en ese sentido llama la atención a la necesidad de recuperar/retomar el conocimiento atesorado en la ancestralidad y espiritualidad de los pueblos como un camino para la construcción de la dignidad.

A Teia está tentando buscar e recolocando essa questão da terra e do território, da importância da terra e o território. Muita gente está falando de identidade, que é importantíssima essa questão da identidade, mas nosso povo só terá identidade se tiver terra e território. Sem a terra, sem o território não teremos identidade. Muitas vezes teremos uma identidade vazia. E também podemos ter um território urbano, reconhecer, a gente entender esse território, essa importância do território urbano. Mas é na terra que nós precisamos vingar nosso povo, vingar nossos antepassados. É na terra e no território que precisamos recuperar toda a ancestralidade que nós perdemos, é importante recuperar também essa questão da espiritualidade que nós perdemos, é importante retomar essa questão da cultura. [...] Então nesse sentido valorizar todos os conhecimentos ancestrais, rememorar eles para que a gente possa ser na terra, voltar para a terra. Não voltar para terra para ter terra sô, não é só terra, é muito maior do que a terra. É construir nossa existência. E também não é subsistência, é nossa existência na terra.

El proceso de territorialización implica un movimiento paralelo de (re)construir identidades. Los pueblos esclavizados, principalmente los despojados de África durante el proceso de colonización, no solo perdieron sus territorios geográficos y espaciales, el derecho a habitar el mundo en sus tierras, también perdieron sus territorios humanos y culturales como comunidades y corporalidades sometidas a la construcción de una sociedad que los excluyera; perdieron entonces sus identidades.

Para Milton Santos el território es también “um lugar onde reside a única possibilidade de resistência aos processos perversos do mundo, dada a possibilidade real e efetiva da comunicação, logo da troca de informação, logo da construção política”. (2005, p. 253)

Aun con el constante ataque a las coporalidades marginalizadas y el ambiente hostil generado por la estructura social racista - lejos de cualquier matiz de romantización - la diáspora africana no ha cesado su lucha por mantener y retomar sus referencias ancestrales. Eso les permite continuar resisitendo en algunos de lugares a los que fueron empujados, como las favelas, o donde pueden aquilombarse, pero los ataques e invasiones a los territorios tampoco han cesado. El maestro Joelson, con el peso de una voz fuerte y corajosa, exclama:

E u acredito que é urgente repito mais uma vez, o nosso povo preto tomar essa consciência de que nós precisamos de ter terra para morar e terra para plantar, e precisamos construir no nosso território as comunidades do bem viver e dessa construção [...] nós precisamos retomar essa questão de retomada da terra, do aquilombamento, pra gente construir uma perspectiva de humanidade aqui na terra e para nós preto pobre povo do gueto, o povo da favela, não tem outra alternativa se nós não voltar a retomar a terra inclusive com essa questão que eu tô falando de assumir essa responsabilidade com a nossa luta que é ancestral.

Con la autoridad de alguien que acompaña el proceso de transición agroecológica de su territorio y ha construido con su trabajo y visto crecer, el mestre Joelson discurre sobre algunos avances alcances del ATV al mismo tiempo que esboza sobre las tareas puntos importantes a ser pensado dentro de los procesos organizativos de los territorios en resistencia

Então nós precisamos trabalhar para isso, e isso é possível. Aqui mesmo na Terra Vista nós a partir de 2000 até 2023, hoje nós já recuperamos um bocado de coisa que nós tínhamos perdido. Ainda falta muita coisa que, para recuperar demora muito tempo. Por exemplo essa questão do alimento, da fartura do alimento essa coisa toda, isso demora 100 anos para recuperar. Então nós precisamos fazer um trabalho com as crianças, retomar a terra e o território para a gente poder construir aqui na terra o que nós sempre sonho que é a construção do paraíso na terra, então é possível fazer isso, nós aqui temos uma pequena referência que precisa melhorar muito aspecto muitas coisas melhorar. Essa questão da relação humana essa coisa toda, mas isso é um trabalho prolongado que é feito através da retomada da terra, e buscar uma perspectiva de fartura de bonança ou seja do bem viver, essa perspectiva, e fortalecer a construção de uma grande comunidade forte.

Consiente del importante papel que cumple la oralidad en los procesos pedagógicos y educativos, como mecanismo para la manutención de las sabidurías ancestrales que posibilitan las tecnologías sociales y así la garantía de las comunidades en resistencia; además con una sagacidad para expresar como la conexión entre los mas viejos y los nuevos seres que ocupan la tierra es crucial para la manutención de los mismos, Joelson expone:

A oralidade é muito importante né, por exemplo nós aprendemos muito com oralidade porque isso é uma cultura do povo preto, dos povos originários né, porque usou muito pouco a escrita, nós era mais na oralidade, então esse conhecimento vai passar de geração para geração isso. Então isso precisa duas coisas simples que tem que fazer: cuidar das crianças e cuidar dos mais velhos que é a biblioteca ancestral que tá dentro de cada um, então tem que repassar esse conhecimento e a maior força disso é passar pela oralidade. É lógico que a gente deve incentivar a escrita para guardar as memórias, para recuperar as memórias, mas é importantíssimo que a gente assuma essa responsabilidade de trabalhar essa questão da oralidade. Por exemplo a questão do terreiro lúdico que nós tamos propondo, que a escola onde as crianças aprendem brincando e dialogando com os mais velhos, vendo as experiências, vendo as coisas boas de nossos antepassados, para ir repassando para essas crianças, para ter uma juventude, uma geração futura equilibrada. Então nesse sentido é preciso que a gente repasse esses conhecimentos da agricultura dos povos originários, conhecimento da agricultura do povo preto. Enfim, todas essas culturas, todas essas discussões a gente tem que levar. E lembrando que a agricultura tem 10 mil anos, então foi passado de geração para geração através da prática e da oralidade. Então é muito importante essa questão da oralidade.

Por otro lado, los procesos de éxodo rural a los grandes centros urbanos ademas de las formas su subyugación laboral – llamadas empleos- impuestas por las empresas que empuja a las trabajadoras(es) al individualismo, se manifiesta tambien en la perdida de los valores que atraviesan el trabajo de y en las comunidades. En ese sentido, las pedagogías y formas de los conocimientos pensadas para la liberación son cruciales en los procesos de territorialización. Es así que en próximas secciones se abordara experiencias durante la vivencia de campo analizando casos ligados a la Teia dos Povos como articuladora de estas posibilidades.

Fotografía 4 – Pintando bandera del MST en el ATV



Fuente: Registro realizado por Viviane Silva, 2022

3.1 APRENDER EN LA PRÁCTICA, FORMACIÓN AGROECOLÓGICA INTEGRAL DEL BIOMA DE MATA ATLÁNTICA

Constantemente el asentamiento recibe personas de diversas partes del mundo, interesadas en conocer la experiencia de este territorio y aprender de los maestros y maestras que ayudaron a crear esa obra del arte de la vida. Actualmente Terra Vista tiene convenios con universidades del estado de Bahía y otras instituciones de enseñanza e investigación, colectivos, editoriales, y es amplia la literatura que se puede encontrar sobre el asentamiento; Además se configura como espacio para otros encuentros de formación permanente en lo que el maestro Joelson define como la “*escola da pratica*”.⁶

Fue para uno de esos encuentros que llegué a Terra Vista el 20 de noviembre del 2022, con la intención de participar del espacio y apoyar en el cubrimiento y registro audiovisual de la “*formação agroecológica integral do bioma de mata atlântica, Aprender na Pratica*”⁷ que recibió personas de diferentes estados de Brasil. Desde el día 28 de noviembre de 2022 y durante los siguientes 5 días, registre el asentamiento sirviendo como sede para, análisis de coyuntura, debates, mutiroes, rituales, caminatas, místicas, noches culturales, oficinas, y otros encuentros de saberes; esta actividad hizo parte de las acciones que organiza el núcleo Terra Vista de la Teia dos Povos en el ámbito de creación de la *Universidade dos Povos*.

Todos los días durante la mañana, en el *amanhecer sagrado*, acontecieron prácticas de Yoga conducidas por la instructora Quênia (Fotografía 5). La abertura de la formación fue oficiada por el maestro Joelson Ferreira quien presento el asentamiento y discurso sobre la importancia de construir autonomías considerando la necesidad de liberarnos del tiempo del capital (Fotografía 6). Para las oficinas que

⁶ Transição Agroecológica em Terra Vista, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mXVQcqD6mh4&t=435s>, Acesso en 03-04-2023

⁷ *Formação agroecológica integral do bioma de mata atlântica, Aprender na Pratica* <https://teiadospovos.org/aprender-na-pratica-formacao-agroecologica-integral/>, Acesso en 03-04-2023

ocurrían simultáneamente durante el día, el grupo de participantes se organizó según los intereses personales.

Fotografía 5 - Yoga durante el amanecer sagrado de la formación



Fuente: Autoría Propia, acervo de la comunidad. 2022

Fotografía 6 - Mestre Joelson Ferrerira durante la rueda inaugural



Fuente: Autoría Propia, acervo de la comunidad. 2022

Uno de los maestros del territorio ATV, el asentado Ayrton Balthasar, más conocido como Capixaba, suele acompañar las actividades de la Teia y prestigia las

visitas con su carisma e historias. Entre los enseñantes también estaba el ingeniero agrónomo Tarcísio Costa que orientó un debate sobre características regionales de la tierra, conceptos básicos sobre el suelo y manejo ecológico del mismo, problemas de la agricultura convencional entre otros temas. También orientó junto al maestro Joelson, la oficina “Do Cacao ao Chocolate” en la que presentaron los sistemas agroforestales de la comunidad, contando la historia del sistema de cultivo Cabruca, los sistemas de adobo que han desarrollado en los *Sistemas Agroflorestales* - SAF's y las Áreas de experimentación del Cacao, que posibilitaron usar el cacao como garantía de ingreso económico para las familias cuando cultivado según la agroecología (Fotografías 7).

Simultáneamente aconteció la oficina de “Mata Atlântica”, ministrada por el biólogo Jomar Gomes Jardim, que guió a los participantes por una experiencia de reconocimiento de PANC's del territorio, y de la diversidad que compone el bioma atlántico (Fotografía 8).

Otras oficinas ofrecidas durante la formación fueron "Bioconstrução" (Fotografías 9 y 10), orientada por Clarenos y la arquitecta Nay, que resolvieron preguntas y hablaron sobre técnicas de bioconstrucción como tecnología social ancestral, planeamiento de obra, características físicas y químicas de los materiales, y ministraron una oficina de elaboración de ladrillos con adobe que sirven para una técnica específica de bioconstrucción.

Fotografia 7 - Oficina “Do Cacau ao Chocolate”, Area Experimental Cacau



Fuente: Autoria propia, acervo de la comunidad, 2022

Fotografia 8 – Oficina “Mata Atlântica, biodiversidade, PANC’s”



Fuente: Autoría propia, acervo de la comunidad, 2022

Fotografía 9 - Clare y otros compañeros en la Oficina de Bioconstrucción



Fuente: Autoría propia, acervo de la comunidad, 2022

Fotografía 10 - Oficina de Bioconstrucción



Fuente: Autoría propia, acervo de la comunidad. 2022

Ya la oficina de "Óleos Essenciais" que contó con la participación de la mestra indígena *Japira Pataxó*, fue asumida también por las asentadas *Andréia* y *Branca*, integrantes del grupo de mujeres del ATV que tiene una marca⁸ de aceites esenciales, productos cosméticos y medicinas naturales fabricados con frutos y plantas cultivadas dentro del territorio (Fotografías 11 y 12). Como agricultoras sabias y cuidadoras de su territorio, guiaron los participantes en caminatas de excursión para el reconocimiento de plantas con mayores usos medicinales; enseñaron a cosecharlas y pasarlas por procesos de beneficiamiento de las mismas hasta la destilación. También presentaron los productos que producen, el laboratorio donde los fabrican y algunos de los desafíos y estrategias que han asumido.

También fueron ministradas oficinas de Culinaria tradicional de matriz Africana con Babalorixá Luciano de Oliviera Costa y otras integrantes de la Ilê Axé Ijexá Omi T'Odé la mayoría moradoras del ATV (Fotografías 13 y 14). Así como la Oficina de producción de chocolate rebelde ministrada por uno de los líderes de la Juventud del ATV Solano Brito, que explico cómo se da el mejor aprovechamiento de la almendra de cacao orgánico, y los procesos para convertirla en chocolate artesanal de alta calidad (Fotografía 15).

⁸ Arte da Terra, marca de óleos essências, produtos cosméticos e medicinais com uma prática agroecológica.

Fotografía 11 – Beneficiamiento de Aruera. Oficina de óleos essenciais



Fuente: Giselle, Elo de Comunicación de la Teia dos Povos. Acervo de la comunidad. 2022

Fotografía 12 – Oficina de óleos essenciais con la maestra Japira Pataxó



Fuente: Giselle, Elo de Comunicación de la Teia. Acervo de la comunidad. 2022

Fotografía 13 - Oficina de culinaria tradicional africana con Babalorixá Luciano de Oliviera Costa y otras integrantes de la Ilê Axé Ijexá Omi T'Odé



Fuente: Sector de comunicación del ATV, acervo de la comunidad. 2022

Fotografía 14 – Beneficiamiento, hojas de bananera para montar el Abará



Fuente: Autoría propia. Acervo de la comunidad. 2022

Fotografía 15 - Oficina de chocolate con Solano



Fuente: Autoría propia, acervo de la comunidad. 2022

Fotografía 16 - Noche cultural durante la formación



Fuente: Autoría propia, acervo de la comunidad. 2022

En las noches hubo ruedas con conversación sobre las narrativas de los maestros y maestras de los saberes. Una de esas noches, se contó con la intervención de Capixaba y Dona Tereza, agricultores asentados que han ayudado en la construcción de la agroecología en el territorio; presentaron parte de su trayectoria en el asentamiento, contando sobre los desafíos que tuvieron en los tiempos de la ocupación (Fotografía 17). Señalaron la necesidad de construir la transición agroecológica, sobre la multiplicación de semillas criollas y las metas propuestas en los campos de la educación, de la producción de chocolate agroecológico y en la restauración de la mata atlántica como demandas cruciales en la agenda del asentamiento. Durante la noche del 30 de noviembre, el filósofo y escritor Ademar Bogo, expuso un análisis de coyuntura sobre las configuraciones históricas del capitalismo y su cara especulativa, repasando las actualidades del escenario institucional brasileiro y la necesidad de constituir organizaciones populares para el enfrentamiento colectivo a las fuerzas del capital (Fotografía 18).

Fotografía 17 – Rueda con *Seu Capixaba* y *Dona Tereza*



Fuente: Autoría propia, acervo de la comunidad. 2022

Fotografía 18 - Viviane recitando poesía del libro de Ademar Bogo para apertura de la rueda con el autor



Fuente: Autoría propia, acervo de la comunidad. 2022

Fotografía 19 - Ritual con William Pataxó



Fuente: Autoría propia, acervo de la comunidad. 2022

Incontables aprendizajes surgieron durante la formación. Eventos de ese tipo ocurren frecuentemente en ATV y otros territorios de la Teia dos Povos, porque la articulación de los movimientos sabe lo crucial que se tornó la organización para el trabajo de libertar nuestras comunidades construyendo proyectos de vida y trabajo alternativos, al mismo tiempo que entienden que los conocimientos deben ser socializados en espacios de formación para estimular la formulación de agendas con propósitos emancipatorios.

Existe, empero el machismo que todavía golpea fuertemente las sociedades, y las comunidades rurales no son exentas de ese proyecto. En el campo también es evidente la división generificada del trabajo que no solo somete mujeres al trabajo del cuidado de casa, sino que en el campo laboral - al tono de reducciones y negación de capacidades con mascara de paternalismo - se les delegan tareas definidas como más “fáciles” y por ende menos valorizadas. Frente a la hostilidad en algunos espacios de trabajo creada por la barrera que circunda los procesos masculinizados, y en búsqueda de su autonomía financiera, las mujeres en ATV se organizan para crear el Grupo de Mujeres del asentamiento

Con el intuito de aprender y fortalecer en los procesos organizativos de un territorio avanzado en la construcción de autonomía, decidí permanecer más tiempo y vincularme de alguna forma a los trabajos que se realizan en ATV. Las siguientes secciones son fruto de las observaciones y acciones posibilitadas por la decisión de probar y conocer estrategias de territorialización en Bahía.

3.2 GRUPO DE COOPERAÇÃO SIMPLE

“mutirão é uma cooperação, é onde todo mundo se junta para fazer algo coletivo, ou também algo para uma pessoa individual, por exemplo [...] no brasil era muito usado para fazer a casa da moça e do rapaz queria casar e tava sem condições então juntava e fazia a casa. Tava precisando na colheita muita gente então juntava todos os vizinhos para fazer isso, então o mutirão é a primeira prática da cooperação que é muito importante, a gente aqui chama: cooperação simples e a primeira parte é a cooperação [...] é se juntar as pessoas sem nenhuma burocracia, sem nenhum livro de ata, sem nenhum compromisso afirmado escrito. É uma relação dos povos que se junta para fazer uma ação coletiva ou uma ação individual para ajudar uma pessoa.”

(entrevista con Mestre Joelson. Apêndice B)

En el "mundo capitalista", la década de 1970 estuvo marcada por varias crisis, entre ellas, cambios importantes en la economía mundial debido a los avances en el proceso de globalización y apertura de las economías nacionales, pero también una serie de transformaciones radicales en los medios y modos. Periodo considerado por los especialistas como "el punto de inflexión de los medios de producción", las transformaciones abren espacio para un nuevo paradigma productivo que tiene como característica esencial la producción flexible, contraponiéndose a los modelos de producción en masa que se propagaban por el mundo en ese momento, motivando a los estudiosos a observar los análisis relacionados con la influencia de la dimensión local y la proximidad espacial en el desempeño competitivo e innovador de las organizaciones productivas (SANTOS, 2005).

Las profundas transformaciones ocurridas en el sistema capitalista, sumadas a las percepciones de que los enfoques tradicionales (basados en modelos de producción en masa) eran incapaces de definir políticas efectivas para revertir las fragilidades económicas y estructurales de distintas regiones industriales, contribuyeron al surgimiento de procedimientos concentrados en la importancia de la dimensión local para la coordinación de las actividades económicas y tecnológicas en diferentes lugares del planeta (SANTOS, 2005).

Al igual que la crisis económica de 1970, el momento de la pandemia terminó evidenciando tantas otras necesidades de urgentes cambios estructurales y organizacionales radicales, fundamentalmente en los sectores productivos y educativos, cuando se trata de la restauración económica a nivel nacional; es innegable que estos cambios deben llegar a nuestras comunidades rurales, indígenas,

quilombolas, campesinas y periféricas con la misma velocidad que benefician a las zonas urbanas, dado el mismo carácter de urgencia.

Los altos índices de contaminación del virus, sumado a la ineficacia de las medidas de contención adoptadas en el país, impulsaron acciones en distintas localidades, forjadas en relaciones de cooperación y solidaridad entre diversos actores concentrados en determinadas áreas limitadas, fundamentalmente, como resultado de restricciones a la circulación y desplazamientos o incluso impedimentos, como consecuencia de períodos de confinamiento. Acciones inicialmente aisladas (como hacer mascarillas y *marmitas* para repartir gratis), se extendieron por todos lados, recordándonos nuestras vulnerabilidades y que una sociedad igualitaria se hace donando cada uno según sus recursos y recibiendo según sus necesidades. Entre muchas otras acciones a contemplar, podemos mencionar, como un ejemplo extraordinario de una iniciativa que refleja estos valores y también los rescata: el *Grupo de Cooperação Simples*⁹ formado por algunos de los agricultores del Asentamiento Terra Vista.

A partir de la osadía de dos asentados, Rashid y el Sr. Edson, ante las dificultades encontradas para mantener individualmente sus áreas productivas y conscientes de que otros agricultores enfrentaban los mismos desafíos, invitaron a otros cuatro compañeros, también asentados que trabajaban solos en sus áreas, a desarrollar conjuntamente actividades en sus núcleos productivos. La idea era tan simple como el propio nombre: el grupo se reúne dos veces por semana, los jueves y los viernes, para realizar juntos las actividades que antes desarrollaban solos o, cuando era posible, contratando diariamente a trabajadores de la región. Cada semana, los dos días se dedican al terreno de uno de los integrantes y él es quien determinará lo que hay que hacer.

La principal fuente de ingresos de la región, como ya se mencionó, proviene de la venta de almendra de cacao, lo que requiere el manejo, poda y fertilización de

⁹ Para conocer mas sobre el *Grupo de Cooperação Simples*, asisitir “Reencantar para o trabalho - a experiência no Assentamento Terra Vista (MST) “ disponible en <https://www.youtube.com/watch?v=nrzICGEZdXQ>

grandes áreas que albergan cientos de árboles, además de cultivar mudas para substituir árboles viejos ya poco productivos o incluso contaminadas con vassoura-de-bruxa, que aún afecta al menos al 10% de la producción en toda la región afectada.

Sin embargo, ante la vulnerabilidad de depender de un solo producto como fuente de ingresos, los agricultores buscan diversificar sus actividades productivas, desarrollando también la siembra de café, yuca y pimienta negra, en paralelo al cultivo de cacao, intercambiando conocimientos y buscando nuevas tecnologías para mejoras y expansiones.

Actualmente, luego de tres años de actividades, el grupo cuenta con ocho integrantes, todos agricultores radicados en Terra Vista quienes, a pesar de las dificultades diarias, son unánimes en afirmar que la iniciativa ha traído innumerables beneficios como aumento y/o mejora en la producción, reactivación de áreas abandonadas por la imposibilidad de manejo individual, conocimiento de técnicas de poda, fertilización y tratamiento de granos de cacao a través del intercambio de experiencias entre los integrantes, además de los factores motivacionales no solo con los mejores resultados, sino también con el compañerismo, conversaciones, risas y apoyo ya que en el caso de que alguien se enferme, aunque no esté presente el responsable del terreno, teniendo información previa de las actividades a realizar, el grupo no deja de comparecer.

En entrevista concedida en diciembre de 2022, el agricultor Ricardo, uno de los integrantes de la *Cooperação Simples*, relata su satisfacción con las acciones. La participación en el grupo permitió, además de la reactivación de una zona cacaotera que no podía mantener con sus propios medios, también incrementar sus ingresos con el cultivo de pimienta negra, cultivo sembrado a partir de las actividades realizadas con sus compañeros. y que debería estar lista para cosechar en unos meses. Informa que antes de eso, periódicamente, era necesario abandonar sus áreas de cultivo para trabajar para terceros por diarias, fuera del asentamiento.

El agricultor Paulo, otro integrante del grupo, también dice estar muy satisfecho con las actividades realizadas con sus compañeros. Además de aumentar y mejorar la cosecha de cacao (inclusive, apuntamiento hecho por todos los participantes), decidió innovar en su área de cultivo de pimienta negra, a partir de una técnica

desarrollada por un campesino que conoció a través de un canal en Youtube. El uso de estacas de gliricidia (un tipo de vegetación primaria de la Mata Atlántica que es muy común en la región) en lugar de las “estacas muertas” comúnmente insertadas en el suelo para permitir que las ramas se levanten (en lugar de extenderse por el suelo). Según él, este método permite que broten las hojas del árbol nativo, dando sombra adecuada a las plantas de pimienta y aportando material para la fertilización orgánica, lo que reducirá sus gastos con insumos y beneficiará el suelo donde las especies son cultivadas.

Ya el joven agricultor y técnico agrónomo Víctor, relata las ganancias en aparatos tecnológicos que permitió compartir máquinas como desbrozadoras, motosierras, entre otros ítems, trayendo aún más agilidad al trabajo realizado. Él asegura que todos los integrantes tuvieron aumentos de más del 90% de sus capacidades productivas. También menciona la importancia del trabajo colectivo tan defendido por el MST, haciendo que los compañeros se vean no solo como seres individuales, sino como parte de una comunidad que debe ser construida colectivamente.

Los beneficios generados por la concentración de actividades productivas espacialmente localizadas, asociadas no sólo a la producción, sino también a ganancias en la organización y desarrollo territorial y regional, fueron incluso mencionados por el economista británico Alfred Marshall, en su libro “Principles of Economics”, por 1890, basado en estudios realizados en pequeños distritos de Gran Bretaña:

Os segredos da indústria deixam de ser secretos, ficam soltos no ar, de modo que as crianças absorvem grande número deles. Aprecia-se devidamente um trabalho bem feito, discutem-se imediatamente os méritos de inventos e de melhorias de maquinaria, nos métodos e na organização geral da empresa. Se um lança uma ideia nova, ela é imediatamente adotada por outros, que combinam com sugestões próprias e, assim, essa ideia se torna uma fonte de novas ideias. (MARSHALL, 1996, página 320, apud SANTOS, 2005, p 19).

Marshall es considerado uno de los pioneros en comprender la importancia de la función de las pequeñas organizaciones dentro del sistema económico, observando cómo regiones enteras pueden beneficiarse de la agrupación de pequeños emprendimientos, de los mismos beneficios que logran las grandes corporaciones, y nuevamente *Grupo de Cooperação Simples* se puede citar como ejemplo.

Las mejoras en las plantaciones y en las almendras de cacao han dado como resultado materia prima de calidad para la producción de chocolate con excelencia reconocida internacionalmente. La producción campesina ha abastecido a la *Fábrica Escola do chocolate rebelde Terra Vista*, ubicada dentro del asentamiento y administrada por jóvenes hijos de asentados, y la producción excedentaria de almendras de cacao ha logrado ganancias que superan en hasta un 150% el promedio pagado en la región.

Fotografía 20 - Algunas clases de cacao agroecológico ATV



Fuente: Autoría Propia, 2022.

3.3 CONSTRUCCIONES EN LA VII JORNADA DE AGROECOLOGÍA DE BAHÍA

Entre las actividades que organiza la Teia dos Povos están las Jornadas de Agroecología de Bahía. Las jornadas son encuentros bianuales que se constituyen como momentos de encuentro para el dialogo, formación, planeamiento y articulación política entre los movimientos sociales, agrupaciones y personas vinculadas en la Teia. Además de los intercambios de semillas criollas e ideas ricas en experiencias con propuestas de perspectivas y practicas agroecológicas, el proceso de construcción es asumido por las comunidades y representantes indígenas, quilombolas, asentadas(os), campesinos, maestras(os) de la tradición oral, educadores, juventud urbana, investigadores, militantes, estudiantes, infantes. Cada dos años el evento presenta un nuevo tema pautado por los territorios y participantes articulados, además de organizar las Pre-Jornadas que son eventos preparativos principalmente mutiroes en los territorios de la red, para favoreces los procesos en las Jornadas.

La última Jornada aconteció entre el 30 de enero y el 03 de febrero de 2023, teniendo como sede el territorio de la comunidad *Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas da Margarida – Bahia*. Esta edición tuvo como tema central *“Lutar por Terra, Território e Água; Fortalecer (R)Existência e Defender o Modo de Vida Tradicional e Ancestral”*. La programación envolvió *Círculos de Diálogos sobre Terra, Território, Águas, Ancestralidade, Diversidade Religiosa, Autonomia Financeira, Comunicação, Soberanias e Sementes Crioulas e Espaços Auto-organizados da Juventude, das Mulheres e dos Homens*. También acontecieron ruedas de conversación, presentaciones de trabajos científicos y oficinas, así como momentos sagrados y rituales de los pueblos. ¹⁰

¹⁰ Para saber mas sobre la *VII Jornada de Agroecologia da Bahia*, acessar a la nota realizada por el periodista, militante y *Elo de comunicação da Teia dos Povos*: Rafique Nasser, disponible em <https://teiadospovos.org/povos-e-comunidades-tradicionais-se-encontram-na-vii-jornada-de-agroecologia-da-teia-dos-povos-no-quilombo-conceicao-de-salinas/>. O aceder a un memorial audiovisual realizado por el Núcleo de Comunicación de la *Teia dos Povos*, disponible en <https://www.youtube.com/watch?v=3MsUkswOOPA>

Fotografia 21 - Mestra Elionice y Mestre Joelson son Teia dos Povos



Fuente: Núcleo de Comunicação da Teia dos Povos, VII Jornada de Agroecologia da Bahia. En la fotografía una múltipla Rueda de saberes corporalizados, atentas a las palabras del Mestre Joelson y la Mestra Elionice Sacramento, pescadora, militante del *Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais da Bahia (MPP/BA)*, integra a *Articulação Nacional de Mulheres Pescadoras, Mestra em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UNB)*. Líder de la comunidad Quilombola *Conceição de Salinas*, anfitriona de la Jornada.

Esta sección pretende relatar parte de la experiencia con la construcción de la VII Jornada De Agroecología de Bahía, que recibió más de 2000 participantes. Entendiendo la gran extensión de observaciones que se pueden hacer sobre ese grandioso encuentro, se abordara puntualmente la descripción de actividades y vivencias ocurridas durante el mutirão continuo (que perduro durante finales de enero y comienzos de febrero de 2023) para la adecuación del territorio y el levantamiento de las estructuras que albergaron asistentes, con énfasis en la cocina comunitaria que sirvió más de 1200 platos diarios durante los 5 días que aconteció el encuentro presencial.

El proyecto de construcción inicial consistió en levantar una estructura de cobertura multiuso de 70m², usando como materiales bambú, alambre y lonas recicladas. Inicialmente serviría como espacio para instalar la cocina del ATV que funcionaria como cocina comunitaria de la jornada, y también albergaria las cocinas

de otros territorios; al mismo tiempo sirvió como espacio de convivencia y fue sede de varios encuentros y alianzas permeadas por los principios y prácticas agroecológicas.

Los trabajos fueron realizados en régimen de mutirão, contando con participación voluntaria de entre 10 y 17 personas aproximadamente: algunos moradores del ATV, y otras militantes y activistas de movimientos sociales vinculados a la Teia dos Povos. El proceso duro entorno de 12 días, comenzando en el ATV durante la mañana del 18 de enero, con la cosecha de alimentos como *Banana Prata* e *Banana da Terra*, aguacate, *batata doce*, *aipim* y otros; y la recolección de los bambús y otras maderas que serían utilizadas para levantar más estructuras y alimentar los fuegos de la jornada.

Así, durante los primeros 3 días fueron cosechadas aproximadamente 450 piezas de bambu *Dendrocalamus giganteus* (Bambu Gigante) y *Bambusa vulgaris* (Falso Gigante) con medidas de entre 3 y 7 metros de largo y diámetros de 6 a 12 cm aproximadamente, usados en la estructura de marcos como columnas y soportes de la lona/techo. Las cosechas se hicieron en la mañana cuando las plantas se encontraban más maleables. Para el fuego se cortaron 5 árboles de diversas especies que ya estaban muertos. También se recolectaron 15 varas especiales para encabar los azadones.

Después de cargar el camión que transportaría los materiales y elementos de la cocina, viajamos desde *Arataca* hasta el *Quilombo Conceição de Salinas* el 21 de Enero, llegando al medio día para armar un campamento inicial y comenzar los trabajos.

Siguiendo las recomendaciones de los trabajadores locales que entendían las condiciones climáticas del territorio, las jornadas de trabajo era distribuida en dos momentos principales. Comenzaban a las 4 de la mañana hasta aproximadamente las 11 am, cuando el sol comenzaba a bajar por vuelta de las 4 de la tarde se retomaba las funciones hasta altas horas de la noche, pues el desgaste en el trabajo es menor al aprovechar el clima fresco y disminuir la deshidratación. Después de la cena que era cerca de las 7 pm, se llamaba a reunión para anunciar posibles novedades y alinear los trabajos del día siguiente.

Fotografía 22 - Ismael de ATV descargando los primeros palos



Fuente: Autoría Propia, 2023.

Fotografía 23 - Trabajar con el sol bajo



Fuente: Autoría propia, 2023.

En la mañana del 22 de enero, el grupo se dividió en dos para cumplir con las demandas. Un grupo de 7 personas guiadas por Gledson, agricultor y bioconstructor de ATV (fotografía 24), se encargaría de planear y levantar la estructura. Otro grupo mayor se encargó de transportar las piezas de bambú desde el lugar donde habían sido descargadas, hasta donde serían ensambladas, y seguidamente *capinaram* y limpiaron la zona de la construcción y alrededores para facilitar los desplazamientos; cabe mencionar que el territorio está ubicado en una región de costa marítima, playa, el suelo es bastante arenoso.

Para levantar la estructura se cavaron huecos de 1 metro de profundidad y 20 cm de diámetro aproximadamente, separadas por 10 metros de distancia entre cada una, en los que se colocaron las piezas de bambú más gruesas que funcionaron como columnas. Después de colocar las columnas en los huecos, se llenó el restante del espacio con la arena que fue removida; se dieron golpes con la punta de un palo a cada capa de 20 cm de arena colocada para compactarla.

El bambú es redondo, hueco y tiene nodos con distancias variables entre cada uno. Así las piezas de bambú pueden ser sutilmente cóncavas presentando curvaturas generadas por la inclinación a consecuencia de la fuerza del viento y el peso de la copa, además transversalmente no son perfectamente circulares. Por ese motivo, para las vigas de la estructura, se seleccionaron las varas con mayor largura y menos irregularidades, colocándolas horizontalmente sobre las puntas de las columnas y uniéndolas entre sí. En esa parte del proceso, es necesaria la observación atenta de las características de cada pieza, encajando cada viga en el lugar más adecuado de la estructura, para conseguir una buena distribución de los pesos y evitar curvaturas extendidas.

Las uniones son un punto crucial para cualquier construcción arquitectónica, porque estas proporcionan continuidad entre los elementos estructurales de la misma, lo que determina la estabilidad y adherencia entre cada parte de la estructura, así como la transmisión de esfuerzos segura y eficiente. Por el formato del bambú, es necesario adecuar las partes de las vigas que van a encontrar las columnas, para eso, se realiza un corte (cerca del nodo) retirando la mitad de la circunferencia en los últimos 10 cm de cada vara, tanto en las vigas como en las partes superiores de las

columnas. De manera que la mitad que queda en cada punta de la viga se complementa con la mitad restante de la columna y permite que la viga descansa encajada sobre la columna.

Para sujetar las puntas y asegurar las vigas a las columnas, se utilizaron tiras dobles de alambre galvanizado de 2 metros enrollado en los puntos de vértice de la estructura en forma de X, según el tamaño de cada unión. En la manipulación del alambre se utilizaron alicates, que funcionaron para apretar bien y cerrar cada uno de los puntos del tejido.

Una vez ubicadas las columnas y ensambladas las vigas, se procedió a colocar las varas menos pesadas en posición horizontal con las puntas sobre las vigas y respectivamente sujetadas con alambre, para dar base a lo que sería el techo. Con el armazón montado, se utilizaron lonas para cubrir algunas partes que serían las tres paredes y el techo. Las lonas fueron unidas entre sí utilizando alambre, y amarradas a la estructura con el mismo material.

Esa construcción terminó durante la mañana del 28 de Enero, pero paralelamente, otros grupos que fueron llegando al territorio para fortalecer en la construcción de la jornada, iban sumándose en las tareas y levantando más obras como baños secos y estructuras de cobertura, ampliaron la cocina del quilombo, y otras tantas e incontables funciones que fueron surgiendo, porque la jornada es una construcción continua donde las corporalidades se sienten llamadas a participar de los procesos creativos y no solo asistir un evento como simples espectadores.

Además de la satisfacción por las obras levantadas y la riqueza de la experiencia como un todo; la posibilidad de participar durante la mayor parte del proceso en medio de relaciones equitativas y respetuosas, ayudó a crear vínculos entre los participantes que son la materialización de esa red de trabajo y lucha - que pretende ser la Teia dos Povos - y son también el sentido de una militancia vivida por un mediador cultural que busca aproximarse a los conocimientos tradicionales de los pueblos en resistencia para aprender a cocrear prácticas reproducibles y benéficas en las agrupaciones y organizaciones sociales que frecuente.

Siendo así, después de la serie de imágenes de los procesos descritos anteriormente, la siguiente sección presentara un acercamiento a la experiencia de la comunidad Terra Livre, siendo esta una iniciativa de la Teia dos Povos. Cabe resaltar que Terra Vista, así como referencia mundial, fue también una referencia crucial para la comunidad Terra Livre.

Fotografía 24 - Reunión para novedades y alineamientos



Fuente: Autoría propia, 2023

Fotografía 25 - Gledson, maestro de obra y amigo



Fuente: Autoría propia, 2023

Fotografía 26 - Alistar el suelo bajo el fuego del cielo



Fuente: Autoría propia, 2023

Fotografía 27 - Ismael, Rodrigo, Luciano, Tarzan y Daniel



Fuente: Autoría propia, 2023

Fotografía 28 - Tercer día de construcción de la primera estructura



Fuente: Autoría propia, 2023

Fotografia 29 - Quinto día de construcción, segunda estructura



Fuente: Autoria propia, 2023

Fotografia 30 - Peixe seco de peito aberto ao mar



Fuente: Autoria propia, 2023

4. TERCER TOMO: TERRA LIVRE

Fotografia 31 - Serra do Tororó, Avenida Marly, Terra Livre



Fuente: Autoría propia, 2022

El 4 de enero de 2021, fue publicada una convocatoria en el sitio web de la *Teia dos Povos*, un llamado para la retomada de un terreno que también posibilitaría la formación de personas persuadidas a construir un Quilombo. Un gran desafío lanzado, pues no se trataba de acogida ni de caridad, se trataba de “los pueblos de la tierra” en busca de personas interesadas en unir fuerzas “contra la política de destrucción y muerte” impuesta por el gobierno antidemocrático que se extiende por el país desde el 1 de enero de 2019 hasta finales del 2022. El texto, muy escueto, invitaba a refugiadas y refugiados en busca de libertad, ofreciendo capacitación para trabajar la tierra con respeto a los biomas y generación de riqueza a través del trabajo y la vida comunitaria (TEIA DOS POVOS, 2021).

Todavía en enero de 2021 empezaron a llegar los integrantes. El primer compañero partió del sur del país y poco después, también se unieron personas de diferentes regiones: sertão da Bahia, Salvador, Espírito Santo, Río de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Recife y Distrito Federal. Personas de diferentes edades,

diferentes creencias y costumbres, movidas por un mismo llamado, se dieron cita en la sede del Asentamiento Autónomo Claudemiro Dias Lima, ubicado en el municipio de Jitaúna - BA, donde fueron recibidos por la comunidad. Durante seis meses, en medio de idas y venidas, el lugar albergó a dieciséis personas -incluida una pareja con un niño de tres años-, el grupo aprendió de vecinos y miembros del Movimiento de los Trabajadores Rurales Sin Tierra MST de otros territorios bahianos a organizarse, trabajar y vivir colectivamente. Construyeron un campamento con cocina colectiva, estufa de leña de barro, *barracos de lona*; sembraron maíz, frijol, calabaza, yuca, entre otros cultivos, aprendieron sobre la importancia de respetar los ciclos de la luna y las lluvias.

El 8 de julio de 2021, los diez compañeros dispuestos a iniciar el Quilombo Terra Livre partieron para la retomada del Asentamiento Euclides Neto II, en la zona rural de Ibirataia - BA, con el apoyo de más de cuarenta integrantes de la Brigada Ojeferson - MST - BA , quienes permanecieron acampados en el sitio durante dos semanas, ayudando en el reconocimiento del área, seguridad de las compañeras y compañeros, apertura de *roças* y la construcción de estructuras iniciales.

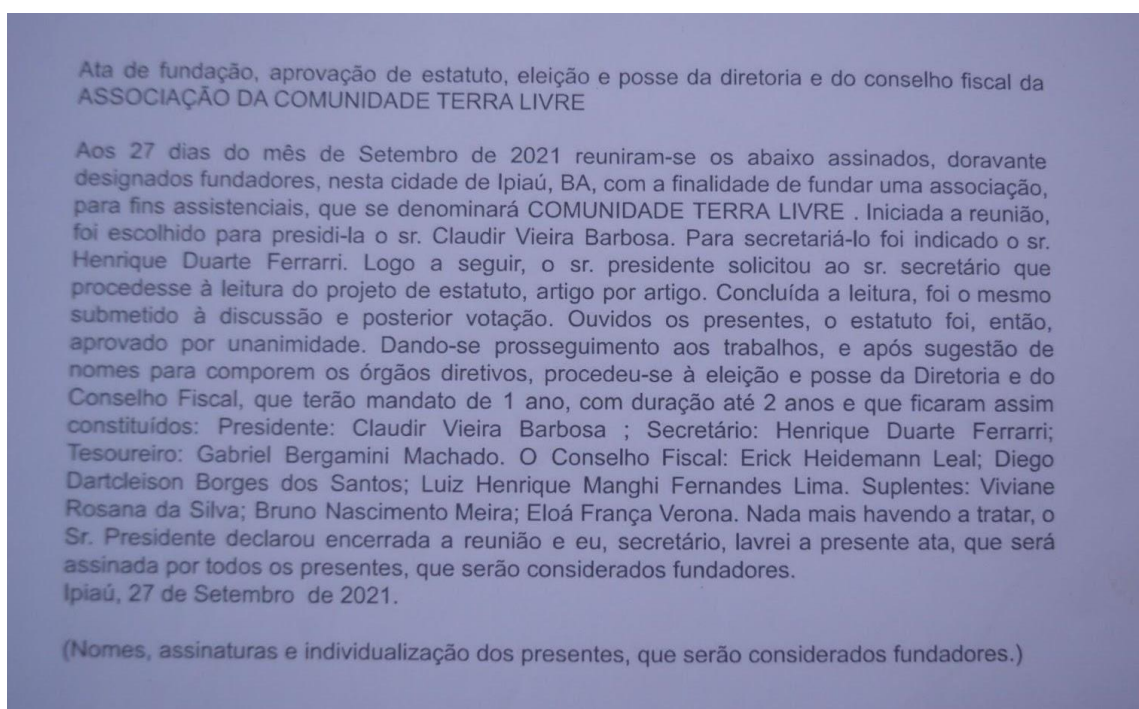
El territorio retomado, un asentamiento ya consolidado, conquistado hace más de 15 años, albergaba solo a cuatro habitantes divididos en tres casas, esencialmente por la dificultad de acceso y la ausencia de estructuras básicas como sistemas de acueducto y electricidad. También hubo denuncias dirigidas a ex pobladores por tala ilegal y venta de lotes, acciones que no convergen con los principios del MST. Además, las zonas destinadas al cultivo se encontraban en pésimas condiciones, tras largos periodos de abandono y siendo utilizadas como pasto por los vecinos de los alrededores. En el lugar también había presencia de empleados de una empresa del sector minero recolectando materiales para análisis de factibilidad de extracción, hasta el momento no definida.

Conscientes de todos los desafíos a enfrentar, el 24 de julio de 2021, el grupo se despide de los compañeros que fortalecieron la recuperación y comienzan a vivir la experiencia que idealizaron seis meses antes.

Entendiendo que estaban incorporándose a la lucha por tierra, era indispensable saber que la dinámica de los poderes sobre la potestad de la tierra iba

a afectarlos. Saber sobre los procesos administrativos que ya ocurrían en ese territorio serviría como un punto a partir del cual continuar y reorganizar las estrategias. El asentamiento Euclides Neto II tenía su asociación fundada en mayo del 2008, sin embargo, el grupo de Terra Livre consideró necesario crear también una asociación para entrar en la disputa de recursos y configurarse como entidad.

Fotografía 32 - Acta de fundación de Asociación de Terra Livre



Fuente: Autoría propia, 2022.

Además de romper las cercas y encarar las burocracias, era necesario encontrar aquellos rasgos vinculantes que iban a sustentar la red de relaciones que se estaba construyendo entre los integrantes de esta acción y con el lugar, porque el trabajo era arduo debido a las condiciones de la superficie terrestre¹¹ que los albergaría. Algunas de las dificultades materiales de la región es el desgastante acceso al local, debido a que no hay ningún servicio de transporte público que llegue hasta esas coordenadas; el transporte organizado que más se acerca es un micro

¹¹ Nota: La superficie terrestre de la región del Médio Rio de Contas - Bahia, presenta largas extensiones de accidentes geográficos en diversas altitudes que oscilan entre los 200 y 600 metros con pocos valles entre las formaciones.

onibus que solo va y vuelve de Ipiau en la mañana por 20 reales cada trayecto. Entre Terra Livre y el punto donde el microómnibus pasa hay 5 km de ladera de tierra que generalmente toca recorrer caminando. Esto era un factor importante a ser pensado en las tareas que demandan desplazarse hasta la ciudad.

Por otro lado, el sistema de abastecimiento de aguas e irrigación es precario. Para obtener agua de consumo es necesario buscarla en un minador cerca de una naciente que queda a 200 mts/ladera de la cocina. Asimismo, el único lugar que tenía luz eléctrica (hasta noviembre de 2022, cuando se extendió el cableado hasta la cocina) era la sede del asentamiento.

Fotografía 33 - Viviane colectando agua para consumo en el minador



Fuente: Autoría propia, 2022

Como mencionamos anteriormente, otro factor dificultoso es la condición del suelo en las zonas destinadas para el cultivo. Como la mayoría del territorio bahiano, esas tierras fueron utilizadas para el monocultivo de cacao. Después de la crisis por la vassoura de bruxa (AGUIAR, 2019), grandes extensiones de esas tierras fueron deforestadas y colocadas para servir como campos de ganado. Eso significó que los

procesos de erosión del suelo fueran más agresivos por la falta de flora y materia orgánica para cubrir la superficie terrestre. Además, es un terreno empinado y montuoso, que sumado a la alta frecuencia de lluvias favorece la lixiviación del suelo y el deterioro del mismo.

Sin embargo, las participantes se dispusieron a enfrentar las condiciones y comenzaron a organizar las tareas de forma colectiva y horizontal, colocando atención en que las divisiones del trabajo no sean pautadas por el vector de género, y contemplando los intereses de cada integrante para que nadie se sienta forzado. Para elaborar esa agenda de trabajo son necesarias reuniones constantes donde se socializan las necesidades y piensan alternativas que ayuden a resolver las cuestiones emergentes. Bruno, integrante de Terra Livre, señala que la diversidad de personas que atendieron a la convocatoria, en lo que se refiere a clase, raza, género, faja etaria y otros vectores era amplia. Sobre la estrategia organizativa a partir de esa diversidad, Bruno comenta

“...essa heterogeneidade, compôs uma perspectiva de organização mais horizontal. A gente veio com essa perspectiva para aca (Assentamento Euclides Neto II), e com um princípio que era de que a gente ia resolver as coisas em assembleia, em grupo, ia ter reuniões, não ia dividir a terra em lotes individuais, nosso trabalho ia ser coletivo, a cozinha coletiva, a roça coletiva e o fruto desse trabalho também ia ser coletivo.” (BRUNO, 2022)

A partir de esa estrategia, fue posible comprender cómo las relaciones tendrían que modificarse para salir de la lógica empleadora del trabajo asalariado predominante en las ciudades urbanizadas, para responder a las necesidades colectivas y otra forma de entender el trabajo, ya no pautado por la remuneración económica sino por los resultados colectivos.

La mayoría de las personas que integraron Terra Livre, en algún momento de sus vidas en la ciudad, estuvieron en relaciones de empleo. Las observaciones y diálogos sobre cómo serían las dinámicas dentro de la comunidad, permitieron comprender algunas diferencias explícitas entre relaciones de trabajo y relaciones de empleo, con el fin de no cometer los mismos errores. Comenzando con los aspectos estructurantes de las relaciones empleadoras, observamos que hay una subordinación de las trabajadoras frente a la figura de jefes, quienes por su vez presuponen representar a las trabajadoras mientras las excluye de los procesos

organizativos y subsecuentemente, de las decisiones y distribución de las ganancias, además de reducir las a la categoría de “recurso humano” reemplazable, abriendo brecha para la constante inseguridad de quedar desempleados. Esto crea un ambiente de competición interna que favorece el incremento de conflictos entre las trabajadoras y el aislamiento de la dignidad humana entre las mismas.

Por otro lado, en el trabajo colectivo de autogestión se busca vivificar y responsabilizar a las trabajadoras para que participen activamente en los procesos organizativos y de producción, así como en la obtención y distribución de los frutos y efectos del trabajo. Esa inclusión favorece las condiciones del trabajo, reduce las dinámicas de competencia fomentando las del apoyo mutuo y solidaridad, y en mejores casos, enardece la identificación de las trabajadoras con la organización. Al desjerarquizar las relaciones y anular la categoría “jefe”, surge una percepción de responsabilidad colectiva que abre espacio para el ejercicio del liderazgo en las personas que deciden encarar tareas de coordinación. Esa perspectiva resulta más oportuna para la construcción de territorios con conciencia de comunidad, pero por su audacia de encarar los conflictos para resolverlos, aumenta los desafíos en las relaciones humanas y con la naturaleza.

Una referencia común que ayudó a orientar los pasos para la construcción del territorio con foco en las relaciones entre personas y con la Tierra, fue lectura colectiva en Terra Livre: “Por Terra e Território, caminhos da revolução dos povos no Brasil”, del mestre Joelson y Herasto Felício. Como fue mencionado anteriormente, la obra presenta un proyecto político pedagógico anclado en los principios de la agroecología y cuidado para la formación y fortalecimiento de nuevos territorios de carácter emancipatorio. Para tal fin, presentan la Teia dos Povos y enumeran algunos caminos que pueden ser tomados para alcanzar las diferentes autonomías en los territorios.

Usando esa propuesta como guía y en sintonía con la tradición organizativa del MST, las integrantes de Terra Livre se organizaron por sectores, siendo estos el sector de Salud, Comunicación, Plantaciones, Bioconstrucción, Financiero y Alimentación. Cada sector era integrado voluntariamente, a depender de los intereses y capacidades de cada involucrado. La función era diseñar proyectos viables que respondieron a las necesidades priorizadas en consenso y planear su ejecución por parte del colectivo.

Para fines de esta investigación, se priorizaron las observaciones sobre el sector de Alimentación, dada su generalidad e importancia vital para cualquier acción social, además de considerar su posibilidad de réplica en otras experiencias de formación territorial.

4.1 COCINA – REVOLUCIONARIA – TERRA LIVRE

“O público é o que todo mundo usa, mas não é de ninguém;
já o coletivo é de todos, inclusive é meu também.”

Viviane Silva

Hay quienes creen que la revolución se dará en un conflicto, un embate, una guerra. Son los que esperan ansiosamente a un salvador, al mesías que librará a todos de su culpa. Estos no perciben los “extraordinarios tornándose cotidianos”, quizás porque están limitados por las fronteras de los restaurantes, a las relaciones de servidumbre donde la figura materna de la cuidadora es siempre fundamental y al mismo tiempo romantizada e invisibilizada, inferiorizada. En el ambiente que competía a la comunidad de Terra Livre, se forjaron relaciones en interacciones cotidianas donde se discutía la importancia de cada tarea para lograr las metas establecidas por el grupo, deliberadas y recordadas hasta que cada uno se entendió como un “cuidador que recibe cuidados”. Esta comprensión se disipará en la vida cotidiana hasta convertirse en un lugar común para todas, después de todo, ¿no ha sido siempre la cocina, lugar de los afectos?

Fotografía 34 - *Cuscus para todas, cocina revolucionaria Terra Livre*



Fuente: Autoría propia, 2022

La Cocina - revolucionaria - *Terra Livre* no nació de una idea brillante de una mente brillante, sino de una construcción colectiva de poco más de una docena de personas con un objetivo común: iniciar una comunidad. Individuos que, como ya se mencionó, variaban entre edades, géneros, creencias, orígenes, clases y que buscaban diluirse “construyendo nuevos obvios” en los intercambios cotidianos. Una comunidad sólo puede empezar en una cocina donde quepan todos sus miembros.

A medida que el grupo fue creciendo, algunos formatos de organización fueron ensayados y modificados de acuerdo a las dificultades que surgieron, sin embargo, algunos aspectos permanecieron inalterables a lo largo del tiempo que la cocina estuvo en actividad y quizás sean “los principios fundamentales de Cocina - Revolucionaria - Terra Livre”.

- Dos personas responsables del ***cronograma semanal**¹², control de despensa/costos, prestación de cuentas a la comunidad, etc. Periódicamente (bimestral o trimestralmente), dos personas se incorporan al cargo de forma voluntaria, en asamblea general.
- **“Todo el mundo come, por lo tanto, todo el mundo debe cocinar”**. Todos los miembros del colectivo cocinan en los días establecidos por los responsables. Los que llegaron con poca o ninguna experiencia recibieron consejos y orientación de los demás, quienes también compartieron prácticas entre ellos.
- **"Tu 'día de la cocina' no es solo un día de cocinar"**. Los cocineros también eran responsables de la limpieza y organización del espacio, el suministro de leña y agua y la disposición/reutilización de los desechos. Con base en deliberaciones colectivas, las tareas entendidas como esenciales para el buen funcionamiento de la cocina fueron enumeradas y registradas en el ****cuaderno**

¹² *Cronograma semanal de cocina: una de las tareas de los responsables de cocina era completar manualmente una tabla que determinaba los días en los que cada integrante del grupo se dedicaría a las actividades de cocina, de la forma más igualitaria posible y respetando los compromisos individuales. Cada día, dos compañeros se encargaban de la preparación de las comidas (desayuno, almuerzo y cena). Revisando las necesidades siempre que parte de los integrantes se encontraban en actividades externas, cada pareja organizaba y dividía las tareas de la forma que entendía conveniente.

de cocina¹³, siempre accesible.

- **“Cada uno lava su plato”**. Los artículos de uso personal (vasos, platos, cubiertos, etc.) son responsabilidad de quien los usa, los cocineros solo eran responsables de lavar los utensilios utilizados en la preparación de las comidas.
- **“Comen quien tiene hambre, contribuye quien tiene recursos”**. De los controles y registros realizados a lo largo de los meses, fue posible obtener números aproximados de “gastos mensuales totales” con la compra de alimentos/productos de limpieza y también un gasto promedio por integrante, sugiriendo un monto de aporte a quienes tenían las condiciones para colaborar. Compañeros en mejores condiciones económicas compensaban a los que poco o nada podían aportar, todos alimentados sin situaciones incómodas ni diferenciaciones.
- **“El plato principal tiene que ser vegetariano”**. Desde el comienzo, el grupo siempre estuvo integrado por una o más personas que no consumen proteínas animales y, dado que las comidas se preparaban para todo el grupo, se entendió que la base alimentaria debía contemplar la dieta de todos. Los ingredientes de origen animal no estaban prohibidos, sin embargo, lo habitual eran las innovaciones con vegetales, esencialmente aquellos que se podían sembrar o comprar a los vecinos como el plátano, la yuca, la calabaza, el palmito, la jaca verde, etc. Además de las interacciones que fortalecieron las relaciones de convivencia, también se discutieron los beneficios económicos y de salud de conocer el origen de los alimentos consumidos, así como los procedimientos e insumos utilizados en los cultivos.

Es importante recordar que estos “principios” no fueron previamente

¹³ **Cuaderno de cocina: cuaderno de registros que estaba disponible en el ambiente de cocina. Contenía las actividades a cargo de los cocineros y cocineras, cantidades de referencia para que los artículos de uso cotidiano estuvieran disponibles todos los días de la semana (como cebollas, ajos, tomates, etc.), así como recetas y “consejos de los cocineros”. Cualquier miembro podía acceder y registrar la información que considerara relevante.

establecidos ni colocados como “procedimientos inmutables”, sino que fueron incorporados a lo largo de la convivencia. Todo lo que demostró contribuir al buen desarrollo de las actividades fue reproducido y difundido entre los compañeros.

4.2 CIPÓS E AXÉ: ENTRELAÇAR DE CONTAS

La lucha por la tierra, el territorio y las realidades del “campo” en Abya Yala se enfrentan a un conflicto permanente: fruto de la invasión colonial y del recrudecimiento de sus violencias, articuladas por un modelo de vida hegemónico que se pretende universal. En ese contexto, entendemos la universidad como brazo institucional de legitimación y conformación de las estructuras excluyentes de la nación; sin embargo, *“muitos setores já demandam uma antropologia capaz de cumprir um novo papel e de colaborar no complicado processo de expansão do direito e de articulação entre horizontes culturais particulares e uma jurisdição que se confunde com a própria humanidade”* (SEGATO, 2006, p. 207). Para eso, *“terá de se expor e se curvar à demanda e à interpelação daquilo que outrora fora seu 'objeto' e deixar-se interpelar”* (SEGATO, 2006, p. 228). Así la decisión de hacer un trabajo dentro de la universidad que dialoga con la práctica y trayectoria militante e intelectual, se alimenta de coherencia política en constante fortalecimiento con realidades que, para nosotros en *Terra Livre*, fueron relevantes en la afirmación y cultivo de perspectivas de vida que respondan a las necesidades de la guerra que estamos viviendo.

Valorizando la historia oral y la oralidad como principales recursos epistemológicos de las trincheras y luchas de resistencia ancestral, de rescate y reivindicación de saberes ancestrales basados en la práctica; reforzamos la necesidad de una alianza de vínculos dentro de la academia para la construcción de archivos de memoria sustentada en los testimonios orales y vivencias de las personas involucradas, y que atiendan y respondan directamente al mando y necesidades de los territorios. Por ello, las preguntas de las entrevistas semiestructuradas¹⁴ aquí

¹⁴ Nota: Dichas entrevistas fueron grabadas entre marzo y noviembre de 2022, en momentos diferentes cada una. El acceso a los registros están disponibles en el Apéndice E del presente trabajo.

citadas, fueron diseñadas para indagar sobre posibles cosmopercepciones que sustentan las prácticas y movimientos de los interlocutores en diálogo con las expectativas y perspectivas metodológicas para esta investigación.

Entendemos que la narración-(re)creación territorializada de la memoria es “dialogar con el territorio, reconocer el conocimiento de campesinos, obreros y trabajadores”(VELÁSQUEZ, 2018, p. 63) Son los agentes locales que pueden, fundamentalmente, hacer dichas mediaciones; percibimos entonces la complejidad de las construcciones de los discursos, de las narrativas. Los intelectuales tendemos a leer los discursos externos en función de las categorías por las cuales fuimos formateados en los procesos de ordenamiento social académico y hegemónico. Como consecuencia, el desafío de la mediación entre la forma/discurso académica y la narración oral es una cuestión fundamental. Si esa intermediación no es de posicionamiento y acción política radical y contundente, junto a las luchas de los pueblos, de la floresta, de las aguas y con el fuego ardiente antiracista, anti patriarcal, contra-colonial; la reconstrucción de los procesos históricos en las comunidades va a estar fuertemente atada por los códigos científicos violentos para con las historias populares. Reflexionando las palabras de Víctor y Virginia:

En el caso del discurso oral o de las tradiciones orales, se trataría entonces de comenzar por observar el espacio cotidiano como el escenario de respuesta y negociación frente al poder social, vale decir, se trataría de estudiar el lugar de enunciación desde el cual los sectores subalternos producen conocimiento y perciben sus propias identidades en el marco de las relaciones de dominación en la que se encuentran inscritos. En otras palabras: los estudios sobre oralidad no solo pueden ser destinados a la interpretación interna de los “actos de habla” o del conjunto de historias que se hayan recopilado en una comunidad local sino además (y sobre todo) deben concentrarse también en los procesos de producción, distribución y recepción de dichos textos desde una perspectiva política (ZAVALA, VICH, 2004, p. 106)

En las márgenes del Corrego de Pedras, junto a las laderas y boquerones de la Serra do Tororó, vive una familia de lucha que hace parte del MST, en el Assentamento Euclides Neto II. Este asentamiento (también sede de Terra Livre) resguarda innumerables nacientes de agua, minadores, áreas de mata virgen y agua corriente, además de los misterios de las encantadas de estas tierras y sus pueblos. Con una historia atravesada por las contradicciones políticas y condiciones de un movimiento de masas, las limitaciones de un pueblo atado a la fuerza por las cercas del pensar y actuar extractivistas y el avance de las presas predatorias de la minería

sobre nuestras geografías, están en marcha en este territorio retomadas: políticas, éticas y espirituales. En ese caminar, la oralidad y la narración de historias y la escucha atenta y comprometida de nuestros ancianos y de los que llegan para ayudar (ANDRADE, 2021), es el único camino de conexión con las memorias e historias que nutren y preservan raíces profundas en esta tierra, dialogan y defienden todo a lo que pertenece la vida que todavía no fue desencantada.

Los caminos del “*monte do sinal*” atraviesan y superan las líneas imaginarias del loteamiento compulsorio propuesto por el INCRA en áreas de reforma agraria. Fue en un día de Sol, bajo la sombra de esos bosques, que nos (re)encontramos con la familia Reis trabajando con el *cipó* de esta floresta. Desde entonces, el acogimiento del Sr. Reis y sus parientes nos dio firmeza en el pisar sobre esas tierras, nos orienta y ampara; reafirmando la centralidad de la ancestralidad y los saberes tradicionales en nuestra lucha por tierra y territorio. La narración de historias, las *resenhas e prosas*, son cotidianas en las visitas a nuestro anciano y toda su familia que tienen el don de narrar sus vivencias de forma activa, pulsante y pedagógica, como un trazo cultural de tantas luchas que se mantienen vivas y re(existen) a través de la oralidad y del arte del encuentro. Con una sonrisa de oreja a oreja en el rostro, Reis se animó con el convite para contar algunas de sus historias con el grabador encendido y dar fuerza a las memorias del territorio. En respeto, el testimonio de Reis fue grabado en un formato libre y en la presencia de su hermano, Joao, su sobrino Bucho y con la contribuciones de nuestros compañeros, Diego y Clare. Los comentarios e intervenciones de todos los parientes dieron un caldo sabroso a ese manjar de saberes y experiencias.

Paralelamente fueron realizadas entrevistas a otros integrantes de *Terra Livre*. A continuación, tejaremos líneas de diálogo entre las declaraciones resultantes y las obtenidas en el encuentro con Seu Reis; con el fin de analizar las conexiones entre la oralidad como ciencia, el trabajo con la tierra, y los procesos de reterritorialización en la Serra do Tororó.

4.3 NARRACIONES LLEGANDO A TRABAJAR EN EL TEJER DE AFECTOS Y CUIDADOS

Nunca esqueço do que os velhos ensinou não! E com isso sobrevevi.
REIS

Se eu pudesse, na minha quebrada, ninguém nunca trabalhava um dia fora
(JOÃO, Tororó: Caminho da cachoeira, 2022)

Sin necesidad de ninguna introducción, ni pregunta inicial, comfortable con el micrófono lapela como si fuese una antigua herramienta corriente, nuestro anciano abrió los trabajos:

Meu nome é "Alcide" mas é conhecido por Reis. Eu moro na zona rural, gosto de trabalhar, trabalho, gosto, eu não gosto de trabalhar é em diária essas coisas, agora trabalhar pra eu correr atrás do meu pão de cada dia eu gosto. De qualquer maneira, também, já é uma arte que eu tenho de trabalhar, fazer cesta fazer tudo quanto é tipo de móveis que pertencer de cipó eu faço.

Históricamente, las ocupaciones de tierra del MST aglutinan personas provenientes de diversas regiones y tradiciones en sus territorios. Es común que trabajadores de las haciendas ocupadas y habitantes antiguos de las regiones se sumen al movimiento y acojan la identidad *Sem Terra*. En el caso del *Assentamento Euclides Neto II*, la familia Reis es la única familia que ya estaba en el territorio antes de la llegada de la burguesía agraria que instaló una finca de cacao en su localidad:

Aqui na região eu já moro tem 40, 56, 57 não foi? Foi, já fiz 57 anos. Eu vou fazer 58 agora em Junho, tá próximo. Também só aqui nesse assentamento eu já morei muitas vezes, ah, muitas vezes já, muito tempo eu já morava aqui. Desde o tempo de Tiara. É o dono do guloso, uma parte do guloso.

Reis y su sobrino, Bucho, trabajan con artesanía, principalmente con la colecta y tejido de cipós (enredaderas o lianas) nativos para hacer panicuns y balaios, cestos de cipo comúnmente usados en la cosecha de cacao en el sur de Bahía. Para eso, tienen amparo de los caminos abiertos en las matas, interactúan con las plantas y otros seres que allí habitan y así consiguen perpetuar las enseñanzas con las cuerdas de liana, vueltas y bastones. Sobre la conexión con el trabajo, el *mestre Reis* se manifiesta:

De qualquer maneira é um trabalho que eu me sinto satisfeito, me sinto triste quando não posso fazer ele, cai em doença coisa assim, aí a pessoa fica

meio escabreado. Nós que temos vício de fazer essas coisas quando fica parado fica todo sem jeito.

Antes de continuar, cabe aquí traer la reflexión de Diego que trasluce el abismo entre las relaciones de trabajo en el modelo capitalista en las ciudades y las vías de la autonomía, de la autogestión y de la lucha de movimientos sociales por tierra y territorio que la vida en comunidad, los retornos, retomadas y trincheras proporcionan:

Eu ia assim para uma roça próxima ali a Salvador e não entendia, eu falava: caralho essa é a vida que eu quero viver! Mas aí eu voltava para cidade, eu tinha que trabalhar, acordar às 06 horas da manhã para estar às 07 no trampo, e se não viesse era tomado esporro do patrão. E isso tudo foi me pesando sabe, isso tudo foi me ocasionando para que eu pudesse ser livre, né velho? E incrível que pareça, o destino me botou, os encantados, os orixás acabaram me botando nesse lugar que é chamado terra livre!

Siguiendo, la transmisión del conocimiento por los medios orales es un telar antiguo y constante en nuestras formas de caminar, y hace la política de los cuidados, de resistencia y de creación en la práctica. *Mestra Mayá*, líder indígena que vive en la *Terra Indígena Caramuru Catarina Paraguassu*, en Bahía, cuenta de su trayectoria junto a su madre y educando itinerantemente en 396 retomadas junto a sus pueblos, en la *Escola da Reconsquista*:

A escola acontecia com a gente andando de casa em casa. Para ensinar, eu vinha com as crianças nas casas para conversar e receber informação das pessoas. Era um trabalho andando de casa em casa, pedindo à mais anciã para contar a história para a gente ouvir e saber a verdadeira história (...) Eu andava também de retomada em retomada. Os pais faziam retomadas e levavam suas crianças. Eu tinha que ir onde as crianças estavam. Chegava lá e perguntava às crianças se sabiam porque estavam naquele lugar. Assim, íamos aprendendo e reescrevendo nossa história. (ANDRADE, 2021, Pp 62-63)

De la misma forma, enseñanzas vienen siendo transmitidas de los más viejos para los más jóvenes, re(existiendo), de generación para generación, a través del espacio tiempo, en las brechas y corrientes de la vida. Fue así que la madre de *seu*. *Reis* lo educó y le confió los trabajos pertenecientes al *cipó*:

Eu comecei esse trabalho eu tava com a idade de 18 anos, foi aprendido por causa de meus pais. A velha minha mãe, aquela velha muito guerreira, sempre fazia essas coisas, bastante coisa assim, fazia artesanato, panela, tudo. Ela trabalhava com um bocado de coisa, floricultura, negócio de planta, de flor, essas coisas. Naquele tempo eu andava mais ela fazendo esses negócios assim, bichinhando mais flor (...) eles ensinavam, eles levavam a gente pros Mato pra rapar aquele cipó, chegava lá eles falavam: 'Esse cipó aqui é fulano de tal!' Cada qual deles aí tem o seu nome... (REIS, 2022)

En movimiento confluyente, las orientaciones, la educación y las enseñanzas que nutren horizontes y sentidos de lucha para Diego, también le fueron pasados por medio de estrategias, afectos y enseñanzas no domesticadas por la hegemonía:

vim também de uma realidade muito dura como um jovem preto da periferia, vim dessa realidade, também... E no meio dessa caminhada eu tive pessoas que me deram o horizonte, esse horizonte de estar aqui, uma das pessoas que também é referência para mim é meu pai, ¿sabe? Meu pai a gente conversando sobre tudo, essas questões também, essas questões afirmativas, esas questões que realmente a gente pudesse estar se impondo e buscando orientações, buscando também se reeducar, né, de uma certa forma? (...) E eu cheguei super surreal, vendo aquele povo todo engajado, unido, trabalhando, retomando o que era seu de direito (...) as pessoas que aqui estavam nesse momento foram super acolhedoras. e é um fato a ser dito que essa minha chegada, ainda assim, eu me sinto chegando, eu nunca falo que eu cheguei de vez ainda. (DIEGO, 2022)

Así mismo, Viviane, compañera de *Terra Livre*, comenta sobre la llegada al asentamiento Euclides Neto II como una de las experiencias que más le marcaron durante ese proceso de reterritorialización, momento que fue permeado por el apoyo mutuo y el aprender haciendo a partir del conocimiento pasado oral y empíricamente:

Antes dessa experiência, eu nunca havia vivenciado nada parecido com uma retomada, um acampamento tão grande, com tantas pessoas, tendo que pensar em tantas coisas ao mesmo tempo. Viemos com o aparato da galera do MST, da Brigada Jefferson, assentados, filhos de assentados, ver essas gerações unidas ali, podíamos contar com a experiência dessas pessoas, pessoas que seguem em luta, como a galera do Marighella que está aqui pertinho da gente, resistindo. [...] estarmos juntos em um propósito, sem nenhuma experiência prática, mas poder contar com o apoio dessas pessoas para uma ação como essa, todos contribuindo para a nossa permanência aqui, pra quem veio de ambientes de lutas individuais, “cada um por si”, foi muito marcante. (VIVIANE, 2022)

Claudir, otro joven habitante en el territorio, afirma haber tomado una posición de escucha constante desde el momento que salió de su casa para atender al llamado de construir Terra Livre, entendiendo que al llegar a la lucha por tierra a través de los movimientos sociales que son esenciales en ese proceso, era necesario comprender que existen pueblos en la lucha por tierra y territorio que nos sirven como ejemplo. Por eso su disposición total a aprender lo que las personas de los territorios envueltos podían enseñar sabiendo que eran conocimientos ancestrales:

Qualquer movimento que lute, eu acho que tá no caminho certo, e tá no caminho de povos né? Que tradicionalmente já faz isso, que ai a gente chega na luta por terra tradicional, na luta que traz o resquício de povos, traz cultura, traz resistência, traz vivencia, a luta dos indígenas que sempre souberam e sempre buscaram lutar por terra, temos também os quilombolas, ribeirinhos, são comunidades que sabem defender os lugares onde estão, sabem se

colocar. E eu creio que muitos desses movimentos assim, nascem inspirados nisso né? Se for olhar, você sempre tem que ter uma referência para fazer alguma coisa, não é do nada que alguém falou “vamos pegar essa terra ali”. É saber que historicamente o povo preto, o povo indígena, o povo periférico tava lutando por um lugar para dizer aqui eu vou ficar e aqui eu quero manter meus laço e criar minha família e seguir deboa com a minha vida sem estar passando por tudo isso que a gente é jogado nessa ratoeira. (CLAUDIR, 2022)

La oralidad, cuando se entiende la agencia de los seres, fuerzas y personas no-humanas, encantados y encantadas, tiene una dimensión más allá de la historia oral como es concebida dentro de las disciplinas de la academia occidental. Escuchar la voz y el tiempo de la naturaleza, de la tierra y del territorio que educan y enseñan, guardan memorias, acogen o alejan:

- Clare: Qual o Sr. acha que é a importância da contação de histórias, nessa luta, nessa nossa construção como pessoas, nossa aproximação com a natureza, com as artes, com os espíritos aí?

- É bom, é bom, tudo faz parte. Envolve os ares, as árvores, os matos também, tem muitas coisas que comandam, comandam, que andam, que tem os dons. Na mata existem muitas coisas também, nos matos. É, muitas coisas. Muitas coisas boas, muitas coisas ruins, muito espírito também, bastante espírito, não tem não?

Por fuera de la historiografía oficial y de las *‘peles de papel’* (KOPENAWA, 2015) que intentan reducir y circular lo que el verbo - soplo - acción multiplican, la familia Reis, familia indígena, artesana, guerrera, cuidadora y cuidada por la floresta de la región, tiene conciencia de su historia y de las dimensiones ancestrales y espirituales de sus trabajos y dones:

- Clare: Mas quem te ensinou sobre essas coisas foi sua mãe?

- Sobre esses espírito de mato, essas coisas? Não, sempre ela falava também que ela gostava. E quantas pessoas também que luta com esse negócio de folhas, bastante! Eles não são à toa não. Que à toa? Aiai...

- João: A nossa família foi toda assim, a minha bisavó era uma raizeira, e capaz de ser raizeira, foi pegada de dentro do mato, de dentro do cachorro, era índia. Mas só que tem que era uma índia muito sabida. Daí é vai, é vai, ai foi gerando gerando, gerando gerando, hoje estamos aqui hoje, quase todo mundo mestiço.

- Bucho: Misturado a índio.

- Todo mundo mestiço. Bicho com esses males virados na peça o cara não pode dar mole, porque se der mole o cara quebra. É e as pessoas conhecem

também.

Asi mismo, son conscientes de las violencias estructurales y la alteridad. Reis y João nos alertan y enseñan postura:

A gente não podia fazer muitas coisas que nem vê muitos fazer (...) Ruindade demais um com o outro (...) Ruindade demais, muita curança e ruindade mesmo, faz malvadeza, diz que mata. Mas nois gente não acho que pode ser assim não (...) Nós gente é partes igual. Tem esses que diz 'ai não mulher' igual a gente dizia sobre trabalho, tem gente que diz 'ai não mulher, é que nada, que, mulher e menino?' Não, não é assim não, mentira (...) Nois tudo é ... é comparação. Nois homem com mulher, eu comparo que tudo é coração, tudo é gente, porque eu sou um homem tenho uma mulher, eu vou dizer: não, é mulher. O que não passa na minha goela, gosto que não passa na goela de ninguém. Nois todos somos igual. Mas tem gente que não pensa assim não.

Cuando cuestionados sobre la propiedad de la tierra en la época de la ocupación, el maestro afirma enfáticamente su posicionamiento alineado con su ancestralidad indígena, las cosmopercepciones contracolonales y la línea política de la agroecología y del MST:

É que nas terras no caso ninguém é dono de nada não, nós não é dono de nada não (...) O mundo é grande, que seja, o mundo é grande. Cada qual tem seus pedaços, vai dividindo, dividindo, dividindo, aqui é meu, aqui é meu e aí é vai dizendo que é meu, mas quando nós vai ver nada é de ninguém, não existe isso nós não tem nada não, aquilo tudo que rola no mundo é de Deus. Nós morre e não leva nada, nós vai pra debaixo do chão, o espírito toma conta, pode ter boi, pode ter gado, pode ter a fazenda que tiver mas nós não leva nada não.

Al contar un poco del histórico fundiario del territorio, Reis relata que hace más de 13 años que la minera anglo-australiana Rio Tinto viene proyectando la extracción de Bauxita en toda la región. La Rio Tinto que recientemente compró otro grupo de minería canadiense, ya es combatida mundialmente por la destrucción de cementerios indígenas en Canadá, e la destrucción depredadora de territorios ricos en etno-biodiversidad.

- Clare: Qual a opinião do Sr. sobre a mineração?

- Rapaz, para mim sobre mim mesmo num me esquento, não me importo não. Se der a gente não vai proibir eles tirar, tem coisa com governo nós não vai proibir, se não faz aqui faz em outros cantos, é bom pra nós por uns pontos por outros não. Não é bom que só vai destruindo coisa que Deus deixou, né não? Só vai destruir. Mas quando nós não deixa outros deixa.

Siendo este un trabajo con memoria y registro colaborativo, siempre atentos en respeto; cada cuento, cada encanto, también tiene su lógica, su tiempo, su

pertenencia y pertinencia.

- Diego: E o Sr. tem algo em especial que só o Senhor possa descrever pra gente, falar pra gente?
- Não, tando nos matos dá pra falar.
- João: Tem que ir pra ver.
- Reis: Tem que ir pras matas.

Fotografia 35 - Tierralibrenses



Fuente: Autoría propia, 2022

4.4 EL TRABAJO SE APRENDE HACIENDO. BALAIOS Y ANCESTRALIDAD.

- Clare: Será que o panacum é ciência de quem?
- O panicum? O panicum tem que ser feito de cipó.
- Bucho: Mas quem inventou assim, praticar essa arte? No caso (...)
- João: Quem inventou isso foi os barão, os fazendeiros.
- Não, quem inventou primeiro foi Deus
- Bucho: Acho que foi o índio!
- É, foi Deus quem deu licença pro índio saber fazer, porque tudo quanto é coisa foi Deus que deu saber, cada um de nós faz uma coisa, nós faz sabendo de uma coisa e cada um vive de uma maneira, não é todo mundo que partes tudo igual. Não, cada qual tem sua equipe de trabalho. Outros vão fazer isso daí, outros fazem outro tipo de artesanato, outros é motorista, cada pessoa tem uma coisa de sobreviver.

En un intento por encontrar una fuente de renta que nos permitiese mantenernos dentro del territorio utilizando responsablemente los materiales que están dentro de las florestas defendidas, y guiados por las estrategias y sabiduría de la familia Reis, decidimos aprender a hacer Balaios e Panicuns con Cipó's.

Comenzamos con la búsqueda y obtención de la materia prima: diferentes tipos de Cipó presente en la mata atlántica, Cipó Verdadeiro, Cipó Canario, Cipó Maracuyá, Cipó Penera, Cipó Timburana son los más utilizados. Cada uno tiene características similares y específicas, siendo los vectores de grosura, maleabilidad y largura los mas tenidos en cuenta; cuando es día de luna menguante, Reis entra dentro del monte, descalzo, con un cigarro de *pacaia* en la boca y su machete en la mano. Va observando a las alturas, buscando en las copas de los árboles las flores que indican la presencia y el estado de los cipó's.

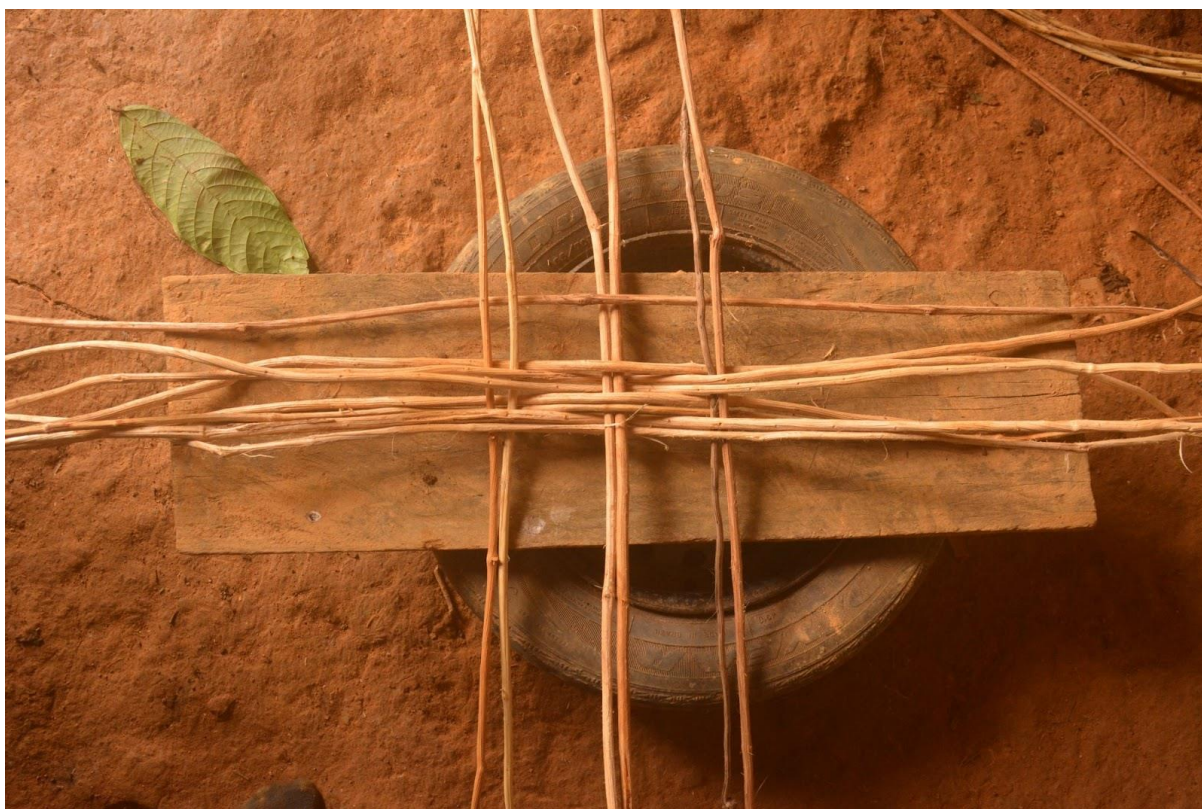
Cuando los encuentra, procede a jalarlos perdurándose de ellos, usando todo el peso de su cuerpo y de quien esté acompañándolo, para arrancarlos de las copas e intentar alcanzar mínimo 3 metros de largo y hacer el corte. Reis sabe bien que el tiempo de crecimiento de la mayoría de esas lianas es demorado, y como un buen conocedor de su territorio, sabe en qué lugares ya colecto y hace cuanto, atento de no sobreexplotar ninguna parte de la región. Además, tiene técnicas para la colecta,

como no cortar cerca de la raíz, respetar los tiempos de la planta y las fases de la luna, y nunca cortar más ni menos de lo que necesita para cada producción.

Hecha la cosecha, el cipó colectado es extendido sobre la tierra y mojado para que se mantenga maleable en cuanto comienza el desprendimiento de la peridermis (capa externa del cuerpo de la liana), dejándolo durante 24 horas expuesto al sol y viento para secar. Después se inicia la raspadura del cipó, que consiste en quitar la peridermis con algún instrumento (generalmente se utiliza la parte no afilada de algún cuchillo o machete corto) en posición sentado, sujetando una de las puntas con los pies mientras se hace el raspado, manteniendo extendido y tensionado el cipó.

Después de raspado se clasifica y separa por tipo y diámetro. Las piezas más gruesas son cortadas a 3 metros y utilizadas para los “pés”; las piezas más finas pueden dejarse del tamaño que fueron cortadas inicialmente y serán utilizadas para las paredes del artefacto.

Fotografía 36 - Cuadrícula para base del *balaio* o *panicum*



Fuente: Autoría propia, 2022

Con las piezas cortadas y listas para empezar el ensamblado, Reis hizo el montaje de la base con 14 piezas para pies (7 de cipó Penea, 6 de cipó Verdadeiro, y 1 de cipó Timburana), explicando cómo debería ubicarlas (fotografía 34). En seguida desarmó la base y pidió que lo hiciera yo. Fue en ese momento, que mi cuerpo entendió porque el mestre Reis se queja de tener dolor lumbar constantemente. La posición que requiere tejer la base horizontal, es similar a la genupectoral pero de pie. En este momento del proceso el tejedor debe permanecer curvado hacia el frente desde la cintura hasta el suelo, y además girar en círculos alrededor del tejido, manteniendo sujetado con los dedos del pie cada punto que se va realizando en cuanto se va avanzando. Es una posición incómoda y poco ergonómica, que si no es acompañada de una cierta preparación corporal previa y estiramientos posteriores, puede causar daños en las rodillas y espalda, principalmente la región lumbar. En otros momentos intente otras posiciones pero ninguna permite realizar el tejido de la forma como el maestro pide que sea: girar alrededor apretando fuerte cada punto con los dedos del pie, sin levantar el tejido de la superficie donde esté.

Fotografía 37 – Tejiendo la base del *balaio*



Fuente: Autoría propia, 2022

Con la parte principal de la base ensamblada, los *pés* se doblan hacia el centro para crear un ángulo de 90° y comenzamos a hacer las paredes del *balaio*. Cuando el

balaio estaba en los 10 primeros cm de altura, se ataron por dentro las dos paredes mayores con una cuerda de fibra para mantener el tejido apretado y evitar que se fuera abriendo (Fotografía 36), en cuanto se le acrecentaba más Cipó Maracuyá y Canario, que son de diámetros menores y por ende, más maleables; esa atadura se repite cada 10 cm de ascenso. En ese momento del proceso no es necesario sujetar el tejido con los pies, por lo que se puede hacer sentado. Mientras se van incorporando las piezas, es posible sentir que tienen olores, texturas y colores diferentes, y aunque su maleabilidad es similar, el cipó Maracuyá es más tierno y delicado.

Cuando el balaio tiene aproximadamente 50 cm de altura (Fotografía 37), el restante de cada pie que está sin tejido horizontal se dobla 180° introduciendo cada uno en el espacio del pie que le sigue en la secuencia y con eso se cierra el tejido y el artefacto está terminado. (Fotografía 38)

Fotografía 38 - Vista contrapicada sobre *balaio*, cinta de fibra



Fuente: Autoría propia, 2022

Fotografía 39 - Plano general del *balaio* con 50 cm de altura



Fuente: Autoría propia, 2022

Fotografía 40 - *Balio de cipó*



Fuente: Autoría propia, 2022

Además de todo el aprendizaje y el balaio de cipo que realice con la asesoría de seu Reis, la experiencia en Terra Livre compartiendo con un maestro del territorio e integrantes de su familia, permitió entender la importancia de diseñar actividades productivas locales o, en caso de tenerlas, fortalecer el mantenimiento de las mismas dentro de los territorios. con el fin de estimular la generación de renta, el acceso económico y la autonomía financiera de las comunidades que se enfrentan a las tendenciosas formas empleadoras de las empresas privadas que siguen adueñándose de los recursos, destruyendo los biomas, en cuanto someten trabajadores a relaciones laborales desiguales.

Al mismo tiempo, es necesario adoptar una condición de abertura y escucha ampliada, buscar los conocimientos atesorados en las historias que cuentan los ancianos, porque en los campos de la oralidad encontraremos las sabidurías y los modos para no dejar perder el conocimiento que ha sido acumulado durante siglos por nuestros ancestros, en un incesante estado de resistencia.

5. CONSIDERACIONES FINALES

En el transcurso del trabajo, fue posible insertarse e indagar sobre las experiencias de formación de territorios y (re)territorialización a partir de los casos del Asentamiento *Terra Vista* del MST Bahía y la comunidad *Terra Livre*. Así mismo, se observaron los resultados de la fuerza ejercida por organizaciones sociales en sus procesos de autogestión, formación y transición agroecológica, dentro de los cuales se constató que es común el apoyo mutuo, como un factor fundamental para el beneficiamiento de relaciones laborales horizontalizadas, favoreciendo la constitución de territorios con principios emancipatorios.

Usando la investigación militante como metodología y práctica de (auto)mediación, fue posible reflexionar y levantar datos sobre las estrategias que las comunidades observadas han sugerido, además de emprender un acercamiento específico al espacio de “la cocina” como lugar de trabajo donde las mudanzas en las relaciones sociales son evidenciables; y el grupo de cooperación simple como ejemplo de organización para mantener las actividades productivas espacialmente localizadas, en función del involucramiento territorial y regional.

Contemplados por los principios orientadores de la *Teia dos Povos*, los objetos y sujetos observados en este trabajo adoptan el mutirão/minga como modalidad de organización para el trabajo. Durante la investigación fue posible distinguir algunas características de la aplicación de esa modalidad dentro de los territorios, sistematizando los análisis y procesos de esas experiencias colectivas desde la perspectiva individual.

Paralelamente, la oralidad se manifestó como el mecanismo para la mantención de los saberes que envuelven esas tecnologías sociales, por eso, el estudio dio centralidad y atención a las prácticas de la oralidad, aceptándolas como medios fundantes y herramienta sagaz para la construcción de nuestras comunidades y territorios. Así mismo, pude exteriorizar en forma textual los conocimientos que me atravesaron, como parte de la mediación.

La sistematización de las experiencias de construcción y procesos creativos, estimulo la sensación de ser un artista creando, no solo artefactos, estructuras u

obras, sino vínculos, relaciones, redes de afectos y afines. Además, la postura como mediador cultural – en búsqueda de espacios donde se construyen iniciativas que consideran la coyuntura actual y el panorama global - posibilito sentipensar, cómo esa necesidad de encontrar soluciones y alternativas a los asuntos vividos por personas desterritorializadas puede tornarse latente y sostenible; al mismo tiempo mostró – fruto de la escucha atenta – que es posible e igualmente necesario, cocrear las formulaciones sociales que garanticen relaciones sociales menos asimétricas y destructivas.

Ya desde una perspectiva personal/individual (como estudiante en un primer acercamiento al hacer etnográfico) además en condición de desterritorializado, la experiencia de hacer este trabajo en movimiento constante (en el sentido mismo de viajar, transitar entre ciudades y comunidades acompañando las acciones de la Teia o siguiendo el *roteiro* para la investigación) así como las exigencias para sobrevivir; me permitieron observar que las adversidades abren campo para el surgimiento de nuevas habilidades, y como mediador, debo estar receptivo a los conflictos e inestabilidades para buscar entre las brechas producidas, las estrategias que me ayudaran a comprender mejor las realidades sociales y actuar en coherencia con los valores éticos y políticos que mi oficio requisita.

6. REFERENCIAS

AGUIAR, Paulo César Bahia de; PIRES, Mônica de Moura. **A região cacauera do sul do estado da Bahia, Brasil: crise e transformação.** Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía 28 (1): 192-208. doi: 10.15446/rcdg.v28n1.67437. 2019. Disponible en: <https://www.redalyc.org/journal/2818/281857987005/html/>

ANDRADE, Maria Muniz de (Mayá). **A escola da reconquista.** Arataca, BA: Teia dos povos, 2021.

CALDEIRA, Clovis, **Mutirão Formas de Ajuda Mutua no Meio Rural.** Serie 5 Brasileira Vol. 289 São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956 Disponible en: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/61/1/289%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf>

FERREIRA, Joelson; FELICIO, Erahsto. **Por Terra e Território, Caminhos da revolução dos povos no Brasil.** 1. ed. Arataca. Editora Teia dos Povos, 2021.

GUIMARÃES, ASA. **Cor e raça: raça, cor e outros conceitos analíticos.** In: PINHO, AO., and SANSONE, L., orgs. Raça: novas perspectivas antropológicas [online]. 2nd ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 63-82. ISBN 978-85-232-1225-4. <https://books.scielo.org/id/3tqqd/pdf/pinho-9788523212254-04.pdf>

HIRLE, Ediane. **EDUCANDO NO ARAPY: Construindo Espaços Coletivos e Confluências de Saberes.** In: XXIII SULPET - [online] , Foz do Iguaçu, 2020. Disponível em: <https://www.doity.com.br/anais/xxiiisulpet/trabalho/138835> Acesso em: 07/04/2023

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami.** Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KROPOTKIN, Piotr, **El Apoyo Mutuo, un factor de la evolución.** KROPOTKIN. Piotr. Apoio Mútuo: um fator de evolução. São Paulo. Biblioteca Terra Livre. 3º edição. 2021. Disponible en: <https://web.seducoahuila.gob.mx/biblioweb/upload/EI%20Apoyo%20mutuo.pdf>

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **Construindo o caminho.** São Paulo, SP: MST. 1986

Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). **Quem Somos? MST,** 2015. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=kvKhNUkxfYk> Acceso en: 08-04-2023

OBANDO, Julio Cesar, **La minga: un instrumento vivo para el desarrollo comunitario**. Revista de Sociología Departamento de Sociología Universidad de Nariño Vol. IV - 1er. Semestre 2015 Enero - Julio / Páginas 82-100 Disponible en: <https://revistas.udenar.edu.co/index.php/revsoci/article/view/3520>>

SANTOS. Luciano Damasceno. **Concorrência e cooperação em Arranjos Produtivos Locais: o caso do pólo de informática de Ilhéus/BA**. Salvador. 2005. Disponible en: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/8929/1/Luciano%20Damasceno%20Santos%20seg.pdf> . Acesso em: 11-05-2023

SANTOS, Milton, **O dinheiro e o território**. Este texto resulta da transcrição da Conferência de inauguração do Mestrado em Geografia da Universidade Federal Fluminense e abertura do ano letivo de 1999, proferida em 15/3, e foi revisto pelo Autor, guardando, todavia, um estilo verbal. <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwi-9vX9w979AhUMCLkGHTjgD88QFnoECA0QAw&url=https%3A%2F%2Fperiodicos.uf.br%2Fgeographia%2Farticle%2Fdownload%2F13360%2F8560%2F52708%23%3A~%3Atext%3DO%2520territ%25C3%25B3rio%2520usado%2520%25C3%25A9%2520o%2520do%2520exerc%25C3%25ADcio%2520da%2520vida.&usq=AOvVaw3fVJYLtPDi7NH4ckRa0WEJ>

SANTOS, Milton. (2005). O retorno do território. o. En: OSAL : Observatorio Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires : CLACSO, 2005. Disponible en: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgdttsa/files/2014/10/Texto-Santos-M.-O-retorno-do-territorio.pdf>

SEGATO, Rita Laura. **Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais**. MANA 12(1): 207-236, Brasília, 2006. Disponible en: <https://www.scielo.br/j/mana/a/tRYDbBv8ZQf9SJmpvSywtjb/?lang=pt&format=pdf>

SILVA, M. K.; COTANDA, F. C.; PEREIRA M. M.; **Interpretação e ação coletiva: o “enquadramento interpretativo” no estudo de movimentos sociais**. Curitiba – PR. Rev. Sociol. Polit., v. 25, n. 61, p. 143-164, mar. 2017 <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/hVvv5JGFRbMgw9wLt6GF6cM/?lang=pt&format=pdf>

TEIA DOS POVOS, Quilombo Terra Livre: uma convocatória. Bahia. 2021 Disponible en: <https://teiadospovos.org/quilombo-terra-livre-uma-convocatoria/> Acceso en 08-04-2023

TEIA DOS POVOS, **Sobre a Teia dos Povos**. 2020. Disponible en: <https://teiadospovos.org/sobre/> Acceso en 08-04-2023

VELÁSQUEZ, María Eugenia; ESCOBAR, Natalia; VERGARA, Aurora. **Etnografía comprometida en contextos de conflicto armado: lecciones de Bellavista - Bojayá - Chocó y Bahía Málaga - Valle del Cauca -**

Colombia. *Anthropologica* [online]. 2018, vol.36, n.41, pp.59-92. ISSN 0254-9212. Disponible en: <http://dx.doi.org/10.18800/anthropologica.201802.003>

ZAVALA, Virginia; VICH, Victor. Oralidad y Poder Herramientas Metodológicas, Cap. **Intelectuales locales y voz subalterna**. 1ra Edición, Bogotá, Grupo Editora Norma, 2004, pp. 99-108.

APÊNDICES

Para acceder a los registros audiovisuales, basta hacer clic sobre las imágenes de cada entrevista.

APENDICE A – ENTREVISTA CON EL SR. REIS

Entrevista abierta concedida en el comienzo de la noche de
23 de marzo 2022

Casa de Sr. Reis, en la varanda.

Assentamento Euclides Neto II, Ibirataia – Bahia, Brasil,
America Latina

*Território da Brigada Ojeffersson Santos,
do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST - BAHIA),
Núcleo da Teia dos Povos.*

Duração: 37min31s

Participantes: Alçide Reis, João Reis, "Bucho" Reis, Diego Dart e Clare Guimarães.



- Reis - Meu nome é "Alçide" mas é conhecido por Reis. Eu moro na zona rural, gosto de trabalhar, trabalho, gosto, eu não gosto de trabalhar é em diária essas coisas, agora trabalhar pra eu correr atrás do meu pão de cada dia eu gosto. De qualquer maneira, também, já é uma arte que eu tenho de trabalhar, fazer cesta fazer tudo quanto é tipo de móveis que pertencer de cipó eu faço. Agora mesmo, meu prazer mesmo era morar na cidade, ter uma família mas tudo tem um tempo, quando Deus me ajudar e eu ainda estiver com vida eu posso fazer isso aí. Meu trabalho eu também não ando diz mal dizendo porque graças a deus eu arrumo com o que eu sobreviver. Meu trabalho, ou véio ou bom, mas com dois carros velhos, um dá pra eu sair o outro também não faz vergonha. De qualquer maneira é um trabalho que eu me sinto

satisfeito, me sinto triste quando não posso fazer ele, cai em doença coisa assim, aí a pessoa fica meio escabreado. Nós que temos vício de fazer essas coisas quando fica parado fica todo sem jeito. Mas Deus vai abençoar também que um dia eu vou parar de fazer esses negócios. descansar, to ficando velho, eu vou fazer 58 anos agora, tem que cuidar mais de descansar que de trabalhar mais, o que tem também já da muito bem para sobreviver. To aqui no meio dos meus amigos, Clare, Diego, tem o bucho aqui, tem João. João tá ali, João tá doido pra se casar “êee diacho” hahaha preocupado, mas não é assim não, pra tudo tem um dia, é pedir a Deus, correr atrás que Deus dá.

- Clare - Sr Reis, como foi que o Senhor começou com esse trabalho?

- Reis - Eu comecei esse trabalho eu tava com a idade de 18 anos, foi aprendido por causa de meus pais. A velha minha mãe, aquela velha muito guerreira, sempre fazia essas coisas, bastante coisa assim, fazia artesanato, panela, tudo. Ela trabalhava com um bocado de coisa, floricultura, negócio de planta, de flor, essas coisas. Naquele tempo eu andava mais ela fazendo esses negócios assim, bichinhando mais flor. Nós ganhava bastante dinheiro, naquele tempo que não sabia aproveitar, não sabia fazer negócios mas era uma mulher trabalhadeira, uma mulher guerreira. Eu trabalhava mais ela logo naquele tempo que saiu a C10, já tem o quê? Já tem uns 40 anos, 80 milhão naquele tempo era dinheiro bastante e eu consegui aquele dinheiro, naquele tempo eu tinha, nunca faltou meu dinheiro eu só tava com as tamala de dinheiro, feito dessas coisas. Depois que ela foi, se acabou, morreu, ficou sendo difícil a gente vai ficando sozinho fica sendo abandonado mas mesmo assim nunca esqueço do que os velhos ensinou não e com isso sobrevive, e graças a Deus não vivo triste por isso não.

- Clare - Como é que os velhos ensinam geralmente, ou ensinavam naquela época? -

Reis - Rapaz eles ensinavam, eles levavam a gente pros Mato pra rapar aquele cipó, chegava lá eles falavam: “Esse cipó aqui é fulano de tal!” Cada qual deles aí tem o seu nome...

- Diego - Tem um sentido?

- Reis - Tem o verdadeiro, tem o timborana, tem o cipó canário, têm vários, tem o maracujá, tem o trinca trinca, tem o catitu, tem bastante nome.

- João - Tem o casca seca...

- Reis - Tem bastante nome, todos eles são bons agora o mais falado mesmo é o verdadeiro.

- Diego - Sr Reis, e quando adentra a Mata, o Sr. tem algum ritual, o Sr. conversa com algo, o Sr. já olha pros cipós e identifica que aquele se serve para fazer essa arte?

- Reis - Uhum, já sabe qual é o bom e o ruim.
- Diego - E o Sr. tem algo em especial que só o Senhor possa descrever pra gente, falar pra gente?
- Reis - Não, tando nos matos dá pra falar.
- João - Tem que ir pra ver.
- Reis - Tem que ir pras matas.
- João - Tem que ir pras matas que é pra ir lá, olhar e dizer essa daqui é fulano de tal, esse daqui é que presta, esse aqui, esse aqui, esse.
- Bucho - Desse tipo aqui, serve pra perna, desse aqui serve pra enrolar, entendeu?
- Clare - Para cada parte do panicum, do cesto, é diferente?
- Reis - É diferente é, os artigos do cipó tem que ser mais fino, outros mais grossos.
- João - Que ele já seja ideal para aquele modelo ali.
- Reis - Para cada uma coisa.
- Diego - E sua relação com a natureza, assim Sr. Reis, como que o Sr. se sente?
- Reis - Ah me sinto bem! Tem hora também que a pessoa se estraga em toco, em formiga, cobra mesmo em tronco, marimbondo. É um trabalho muito perigoso mas a gente pede força a Deus e vence.
- João - Meu Dieeeego...
- Reis - Deus dá licença pra gente fazer, trabalhar. Todo os trabalho é perigoso.
- Clare - Sr Reis, o senhor conhece a história do panicum, desses cestos? De onde eles vem? Lá da região de onde vim não tem panicum, por exemplo.
- Reis - É porque cada região é de uma forma. Tem região que luta com esses negócios aí, para apanhar cacau, para plantar maniva, para outras coisas. Já tem fora eles não usam essas coisas, alguns vai apanhar semente de capim já apanha com um saco ou apanha com outras vasilhas, eles não usam não, tem lugar que isso aí o pessoal não conhece não. E se eles conhecessem, era vendável porque eles servem para bastante coisa. Uma panha de capim, de café, todas as coisas tem mesmo aí lá

no Norte, tem roça de café que só apanha de lona; nos balaios é melhor e eles nem sabem que é que fica.

- João - Tem muito lugar que não conhece esses negócios, tem lugar que conhece panacum de plástico, um panacum desse tamanho assim ó.

- Reis - Não, aquilo não presta não.

- Clare - Será que o panacum é ciência de quem?

- Reis - O panicum? O panicum tem que ser feito de cipó.

- Bucho - Mas quem inventou assim, praticar essa arte? No caso.

- Clare - É esse sentido também faz sentido, é feito do cipó.

- João - Quem inventou isso foi os barão, os fazendeiros.

- Reis - Não, quem inventou primeiro foi Deus

- Bucho - Acho que foi o índio!

- Reis - é foi Deus quem deu licença pro índio saber fazer, porque tudo quanto é coisa foi Deus que deu saber, cada um de nós faz uma coisa, nós faz sabendo de uma coisa e cada um vive de uma maneira, não é todo mundo que partes tudo igual. Não, cada qual tem sua equipe de trabalho. Outros vão fazer isso daí, outros fazem outro tipo de artesanato, outros é motorista, cada pessoa tem uma coisa de sobreviver.

- Clare - Essa região onde você trabalha, você vive, sua família, como é conhecida essa região?

- Reis - Aqui é conhecida como tororó.

- Clare - Sempre foi assim?

- Reis - Sempre foi tororó.

- Clare - Boto fé, e a quanto tempo você está aqui na região?

- Reis - Aqui na região eu já moro tem 40, 56, 57 não foi? Foi, já fiz 57 anos. Eu vou fazer 58 agora em Junho, tá próximo. Também só aqui nesse assentamento eu já morei muitas vezes, ah, muitas vezes já, muito tempo eu já morava aqui. Desde o tempo de Pedro Tiara. É o dono do guloso, uma parte do guloso.

- Clare - Ele é quem, é quem dizia que era dono daqui? Dessa terra?
- Reis - É ele era dono, era.
- Clare - Dizia que era dono né, sr. Reis?
- Reis - É que nas terras no caso ninguém é dono de nada não, nós não é dono de nada não.
- Clare - Como é isso Sr. Reis?
- Reis - O mundo é grande, que seja, o mundo é grande. Cada qual tem seus pedaços, vai dividindo, dividindo, dividindo, aqui é meu, aqui é meu e aí é vai dizendo que é meu, mas quando nós vai ver nada é de ninguém, não existe isso nós não tem nada não, aquilo tudo que rola no mundo é de Deus. Nós morre e não leva nada, nós vai pra debaixo do chão, o espírito toma conta, pode ter boi, pode ter gado, pode ter a fazenda que tiver mas nós não leva nada não.
- Clare - E naquela época desse barão aí, a família de vocês estava aqui já antes disso, antes dele chegar?
- Reis - É, antes dele chegar já morava.
- Clare - E como foi essa caminhada desde aquela época que era ele que comandava essas terras e agora que a gente tá tentando que o povo comande?
- Reis - Aqui, que nem nós fala, já é liberado há uns tempos já, por ele mesmo.
- Clare - Por ele, é? Por ele?
- Reis - É, foi ele que acertou com o banco, é. Ele perdeu, ele gastou demais com isso aqui.
- João - Todo mundo aqui faz assim, o cara compra meio mundo de terra, ai ele vai vai vai, quando ele pensa que não, ele esquece uma parte.
- Reis - Ele gastou um milhão de reais aqui em planta de cacau, mas ai ele vai trabalhando daqui a outra fazenda porque era uma fazenda só aqui e depois que partiu. Naquele tempo foi gastando, gastando, gastando, gastou um milhão de reais, plantando cacau.
- Clare - Plantando cacau? Mas como que foi esse plantio de cacau?

- Reis - Esse cacau foi um negócio de cabruco mas ele matou todo. Matou não deu retorno pra ele como que ele pagar.
- Clare - Como que aconteceu?
- Reis - Morreu.
- Clare - Morreu o cacau todo?
- Reis - Morreu e ele negociou com o banco.
- Por que que morreu?
- Reis - É um inseto que tem chamado Liboro. É o Liboro, ele chega nos lugares de cacau, fura, come o miolo, come o miolo aquele galho morre ai depois vai pro outro galho e vai assim até matar o pé de cacau tem vez que quando ele brota ele brota embaixo mas por cima ele já matou todo.
- Clare - Eai aconteceu isso, o Liboro atacou?
- Reis - Foi, e perdeu e não teve nada para pagar e negociou a própria fazenda.
- Clare - E vendeu pro INCRA? E ai chegou aqui o movimento sem terra?
- Reis - Chegou o ponto do movimento sem terra.
- Clare - E ai quantas pessoas chegaram aqui naquela época, mais ou menos?
- Reis - Rapaz foi 10 família. Disse que era pra 10, que no caso era pra 10 famílias pra 12 hectares pra cada.
- Clare - E essas famílias chegaram e montaram o acampamento?
- Reis - Foi, chegaram aí, montaram o acampamento mas não teve com que sobreviver foi saindo de um a um, de um a um. Pois as terras aqui não é fácil terra boa não, se souber trabalhar, bem, ainda faz alguma coisa, se não souber, desiste. Aí eles se picaram, foram embora para terra melhor que aqui, porque aqui tem ganho de quê? Nada.
- Clare - Não tem ganho de nada aqui Sr Reis?

- Reis - Eu acho que não, aqui se o cara vacilar aqui vai consumir o que ele tem de fora.
- Clare - Mas o Senhor não é vacilão, né Sr. Reis?
- Reis - Não, eu canso de dizer a Diego, digo: 'o Diego, aqui quem mora fora, para se acostumar aqui é meio difícil'
- Clare - Mas e se se acostuma?
- João - Não sai mais!
- Reis - É o modo de sobreviver.
- Bucho - De aprender o modo de sobreviver.
- Reis - É, sobreviver.
- Clare - Que é esse modo de sobreviver?
- Reis - Porque assim, pro camarada entra um dinheiro mais fácil assim pra pessoa. Eu acho dificuldade assim, sobre a terra. É a Terra, porque tem terra assim que nem a Marighella mesmo, a Marighella fica ali mas se você colocar uma roça não carece adubo químico, não carece adubo orgânico não carece nada disso, você plantou ali limpou ele e ele sai e para aqui não, o que dá bastante aqui é mandioca, mandioca dá boa, mas outra coisa...
- Clare - Sr Reis, aquele dia que a gente estava ali em frente a cozinha, a cozinha coletiva lá embaixo, que a gente tava olhando a paisagem, o Sr. me contou que aqui era mata virgem, há quanto tempo mais ou menos? foi com a chegada desse barão aí que teve cabrucagem?
- Reis - Já tinha essas matas aí.
- Clare - Mas naquela época a mata ainda estava mais preservada? Quando começou a derrubar mais a mata foi quando?
- Reis - Foi mais com Edinho Tiara, quem derrubou foi Edinho. É irmão de Pedro. É irmão.
- Clare - Vamos falar agora então sobre essa questão da terra, a gente fica se perguntando o porquê dessa terra ter essas qualidades porque aqui a encantada da água é muito forte, tem muita água aqui, a floresta aqui é muito forte, a gente vê a

qualidade desse cipó é um presente, né? Grande, que a gente tem dessa mata aqui, e porque que essa terra está respondendo dessa maneira, será?

- Reis - Rapaz, quem sabe? Deve ser porque é seca mesmo, enxuta mesmo, sem vitamina. Ai no caso tem que gastar bastante com vitamina pra ela. E no caso que não tem jeito que não seja química. E hoje em dia não tem jeito mesmo não.

- Diego - E durante esse tempo, várias gente que passaram por aqui, fazendeiros, eles trabalhavam de maneira, de que maneira eles trabalhavam a terra? Eles queimavam?

- Reis - A eles só vinham sem fogo e foi sem fogo mesmo que foi o prejuízo. Sem fogo, foi o prejuízo porque foi sem fogo.

- Diego - Mas veio gente também e começou a ter essas práticas?

- Reis - Foi mas foi as práticas de fora.

- Clare - Quando chegou os sem terra teve mucha queimada?

- Reis - Não, nunca foi queimada não só esses haceros assim. Mas esses matas nunca foi queimada, ó, foi tirada as madeiras mas queimadas não.

- Clare - Então, mas aí tá, então chegou, ele fez esse negócio com... É que agora eu não sei, se a gente vai pra trás ou pra frente...

- Reis - Tem de ir pra frente.

- Clare - Não, as vezes a gente precisa voltar um pouco pra poder seguir, né? Mas depois a gente volta pra trás então, vamos pra frente... Ai chegou os sem terra e isso já faz 20 anos quase, 15 anos?

- Reis - É, faz uns 20 anos ou mais.. Rapaz eu não lembro não, tem tempo, tem tempo...

- Clare - E quando foi que chegou a mineradora?

- Reis - A mineradora tem uns 13 anos, né não?

- João - A mineradora é nova.

- Reis - Uns 12 anos por aí.

- João - A mineradora começou a vim pra qui, andar aqui tem uns 3/4 anos.

- Reis - Que 3/4 anos rapaz? Tem uns 10 anos.
- João - Não é aqueles que vinham aqui antigamente!
- Reis - É os mesmos.
- Bucho - É o mesmo projeto.
- Reis - É os mesmos, tudo um só.
- Clare - Quem são eles?
- Reis - Para dizer o nome deles assim, me esquece.
- Clare - Não o nome, mas quem são eles, é uma mineradora que tá aqui na região?
- João - O nome da mineradora é o Rio Tinto e o Edson que é o comandante, o encarregado e o outro que eu esqueci.
- Clare - Mas o que que eles querem fazer aqui? Porque que eles estão aqui?
- Reis - Rapaz, eles diz eles que é assim, eles tão aí mas se nós tirar o documento eles acerta com nós mas se nós não tirar os documentos eles acerta com o INCRA ai ele compra outra fazenda pra levar nós.
- Clare - Eles falaram isso? Eles querem tirar minério daqui?
- Reis - Diz eles é, né... Diz eles que vai ver os análises, os análises se conferir certo vem, se não der certo, e se der certo vai demorar muito.
- Clare - Qual a opinião do Sr. sobre a mineração?
- Reis - Rapaz, para mim sobre mim mesmo num me esquento, não me importo não. Se der a gente não vai proibir eles tirar, tem coisa com governo nós não vai proibir, se não faz aqui faz em outros cantos, é bom pra nós por uns pontos por outros não. Não é bom que só vai destruindo coisa que Deus deixou, né não? Só vai destruir. Mas quando nós não deixa outros deixa.
- Clare - Mas vocês viram por aí que tem muita gente lutando pra não deixar, também né?
- João - Tem, milhões de gente.

- Reis - Tem, é.

- Clare - Principalmente os povos da mata, povos indígenas, sem terra, tamo por aí né? E antes de tudo isso, de todas essas pessoas que vieram para cá assim, quem eram as famílias que estavam aqui? A família de vocês...

- Reis - Não, a família da gente aqui mesmo só eu, só eu e os dois meninos Guará e Alexandre. Dos mais velhos que ficou foi só vizinho, os outros saiu todo mundo, foi todo mundo embora.

- Diego - Sr Reis, uma questão que eu queria falar, que é essa que eu ainda vou perguntar se o Sr. ainda assim, existe toda uma questão espiritual eu entendo né, que Deus, todo mundo escuta a voz de Deus de um jeito diferente, a pessoa que for. O Sr. ainda assim tem alguma mística que possa desvendar essa prática desse panicum que é uma coisa incrível, pelo menos pra mim, para nós, né?

- Reis - É, mas dá pra vim.

- Clare - Sr Reis, qual o Sr. acha que é a importância da contação de histórias, nessa luta, nessa nossa construção como pessoas, nossa aproximação com a natureza, com as artes, com os espíritos aí?

- Reis - É bom, é bom, tudo faz parte. Envolve os ares, as árvores, os matos também, tem muitas coisas que comandam, comandam, que andam que tem os dons. Na mata existem muitas coisas também, nos matos. É, muitas coisas. Muitas coisas boas, muitas coisas ruins, muito espírito também, bastante espírito, não tem não?

- Clare - Eu sinto. A gente tem que trabalhar com eles né?

- Reis - Tem. Uhum.

- Clare - Mas quem te ensinou sobre essas coisas foi sua mãe?

- Reis - Sobre esses espírito de mato, essas coisas? Não, sempre ela falava também que ela gostava. E quantas pessoas também que luta com esse negócio de folhas, bastante! Eles não são a toa não. Que a toa? Aiai.

- João - A nossa família foi toda assim, a minha bisavó era uma raizeira, e capaz de ser raizeira, foi pegada de dentro do mato, de dentro do cachorro, era índia. Mas só que tem que era uma índia muito sabida. Daí é vai, é vai, ai foi gerando gerando, gerando gerando, hoje estamos aqui hoje, quase todo mundo mestiço.

Bucho - Misturado a índio.

- Reis - Todo mundo mestiço. Bicho com esses males virados na peça o cara não pode dar mole, porque se der mole o cara quebra." É e as pessoas conhecem também.

- João - Tem e é o seguinte hoje é assim, eu não quero pegar um punhado de terra de ninguém. Pegar um punhadinho de terra do cara aqui e jogar ali, panhe sua terra daí e bote cá no seu, e também do meu não vai pegar não, se você pegar do meu não vai prestar não. Umas pessoas assim, cismados 'ah tem terra aqui, bora praqui' Deus me livre vou lá é nada hahaha"

- Bucho - E tem modo de mexer, porque outros particular assim vir mexer com um da família, é tipo uma raça de índio. "Barril" Mexeu com um mexeu com a família inteira, tem esse ditado né, mas eu acho que isso é quase toda família que é assim'

- Reis - Não toda família é assim pô, ninguém quer saber de ver a família bolida não."

- Bucho - Nós, a gente ser humano é assim, nós protege, é que nem os outros bichos.

- Reis - A gente não podia fazer muitas coisas que nem vê muitos fazer.

- Clare - Que tipo de coisa por exemplo?

- Reis - Ruindade demais um com o outro

- João - Não ruindade não!

- Reis - Ruindade demais, muita curança e ruindade mesmo, faz malvadeza, diz que mata. Mas nois gente não acho que pode ser assim não.

- João - Não levemos desacordo o negócio tem que ser sério.

- Reis - Nós gente é partes igual. Tem esses que diz 'ai não mulher' igual a gente dizia sobre trabalho, tem gente que diz 'ai não mulher, é que nada, que, mulher e menino?' Não, não é assim não, mentira

- João - Mulher e menino? Tem que ser respeitada. Tem que ter respeito."

- Reis - Nois tudo é ... é comparação. Nois homem com mulher, eu comparo que tudo é coração, tudo é gente, porque eu sou um homem tenho uma mulher, eu vou dizer: não, é mulher. O que não passa na minha goela, gosto que não passa na goela de ninguém. Nois todos somos igual. Mas tem gente que não pensa assim não.

- João - Quem nasceu pra engolir um punhado de farinha seca, sabe quem foi? Galinha. Porque gente não engole, quem engole um punhado de farinha seca é galinha”

- Clare - Sr Reis, essa questão das mulheres, o senhor falou da sua mãe, João falou da avó, parece que tinha bem forte essa liderança né? Sua mãe era uma liderança forte?

- Reis - É. Uma guerreira.

- Clare - Ela era referência pra além da família de vocês, também?

- Reis – Uhum

- Clare - Tem alguma coisa livremente que o Sr. quer contar pra gente dessa vez, mais, Sr Reis?

- Reis - Não, tá bom!

- Clare - Por enquanto tá bom!

- Diego - Sempre é bom ouvir muito mais de você, né, Sr. Reis?

- Reis - Mas tá bom.

- Diego - Uma palavra final, pelo menos, pode ser? Pode, pode ser, uma palavra final...

- Reis - Pode...

- Diego - As suas perspectivas né, os seus sonhos, o que o Sr acredita para nossa família, né?

- João - Isso, aí, o sonho do cara que tem que ter, o meu sonho eu contei. Não, né, eu falei que nem o caso, botar o sonho mesmo

- Diego - eu falei sonho em conquista, entendeu? se o sr está realizado com o que o sr tem?

- Clare - qual o seu sonho para humanidade, para nossa família que quer viver bem, em comunhão com os espíritos da mata, da água, dos encantados?

- Reis - rapaz...

- Diego - sinta-se a vontade! para nossa comunidade aqui

- Reis - olha, para mim mesmo eu queria uma mulher, fazer que nem João "para dormir abraçado"

- Reis - é, mas é.

- João - O que eu desejo pra vocês, sabe o que é?

- Bucho - Essa resposta aí eu sei.

- João - É todo mundo feliz. eu quero ver todo mundo feliz!"

- Reis - Não, para viver feliz assim, no meio de nós, porque de qualquer maneira, eu penso assim: eu vivo feliz no caso, em ter vocês ali, nossos amigos, umas pessoas gentes boas, de qualquer maneira como eu trabalho ai, eu vivo assim uma pessoa, concordado com quem eu sou e veja, mesmo as pessoas, vocês que vévi aqui no meio de nós, tudo mais, entoce assim, eu vivo despreocupado. agora pra eu viver melhor, mais, no meu a ver, para eu viver melhor e tudo mais, até mais alegre mesmo, eu tinha de ter uma família. porque comparação tá nois aqui é uma coisa né? deixa sair todo mundo, tá um sozinho aqui já não... mesmo que você as vezes tenha um dinheiro, um trabalho a fazer ou qualquer uma coisa mas você nunca se sente feliz porque tá ali sozinho vai ficar feliz como? não é? é só isso aí, não é outra coisa não.

- João - Já pensou, agora eu to aqui com vocês, assunta que papo bom. Que está acontecendo, um bom papo. E agora, chegar em casa agora, tomar um banho, moscar? HAHAHA!"

- Reis - Eu mesmo, no caso, sobre meu trabalho eu já, me conformei mesmo, eu não me importo não, tá bom. Não, eu falo sobre o trabalho, sobre o trabalho não, vivo despreocupado. Entonce é só o que me falta, porque Deus me dando saúde para trabalhar eu faço minhas coisas, entonces também a hora que eu quiser ir pra cidade eu vou, Deus da licença eu vou. Entonce nois vive, né, e é só isso aí, não é outra coisa não. Também to aqui mas já tem lá um trechin também farta cuidar mas já entra um dinheiro também, então não me importo não, eu vou, já acostumei também com a região, então eu sempre digo a vocês que é ruim mas sabendo vive.

-João - Vevi!

- Reis - Vevi.

- João - Aqui vocês fazem assim, fazer uma área dentro uma roçinha boa, para tar sossegado... quando querer fazer roça é só chamar qualquer um por causa nós

informa, nós ensina, vocês a trabalhar. aqui onde você plantar uma banana sai, planta abóbora sai, aqui só não sai mesmo, só sai arroz aqui naquele brejo, se queimar, ali sai arroz.

- Clare - A gente tá precisando saber mesmo como lidar com essas plantas ali na água, né?

- João - Pronto, tem que queimar o terreno, roçar, queimar o terreno, ai para plantar um feijão o cara destoca, qualquer canto daquele terreno ali, destoca planta o feijão e sai, planta o pepino e sai. Planta uma abóbora, sai. Jogar um adubozinho uma coisinha." Sai bastante coentrinho, é cenoura, tudo quanto é coisa assim legume sai. Agora tem que ter adubo químico.

- Clare - Tem que ter cuidado!

- Reis - E adubo químico. Se não tiver adubo químico, vou te dizer a verdade, não adianta nem fazer.

- Clare - Mas como eu sempre falo quando a gente tá conversando, eu sou uma pessoa honesta, eu não concordo com isso! Mas eu não tenho a experiência que ocês tem. Tenho que testar, tentar do jeito que acredito para poder ter a minha própria conclusão! A gente tem que ter fé!

- Reis - É isso. Vou te dizer o seguinte, ai você chega lá negoça assim, nós vai. Assunta, nós vai uma hora vocês vai fazer uma leira do modo docês. Nós vai numa hora, numa terra só, aí faz tua leira aqui, éo, tu vai fazer a tua e eu vou fazer a minha e ao mesmo tempo que tu vai fazendo a tua eu to vendo, assunta o modo, aí eu faço uma tu faz outra, e vamos ver qual é que vai produzir! E vamos ver qual é que vai produzir.

- João - A que produzir é que tá valendo!

- Clare - Ah, não! Aí é sacanagem po.

- Reis - A que produz é a que vale.

- Bucho - Depende do jeito de vocês também plantar assim, que a gente já não conhece o jeito de vocês.

- Reis - Mas o jeito que eles sabem, eu já sei que não dá. Eu já sei que eu já falei! Não dá.

- Diego - Isso não é de agora a gente entende, não é Clare? Agroecologia não é de agora...

- Clare - É porque essa questão da agroecologia ela está relacionada com o que o Sr. falou, vocês falaram, da questão da mineradora. Poucas pessoas ainda querem impedir que a gente siga usando química na terra porque a gente sabe que essa química vai pra água, pro ar, acaba contaminando tudo, né? Então quando a gente defende a transição agroecológica, a gente sabe que a gente vai enfrentar mais desafios, que o processo vai ser mais lento... Mas a gente acredita que vai ser um processo de regeneração, né? Desse solo, dessa vida, de toda essa energia que está aí. Mas a gente pode fazer esse teste sim, porque pelo menos vai ser uma oportunidade incrível de poder trabalhar com vocês e de ver as formas que vocês trabalham e a gente também poder contribuir com o que a gente vem aprendendo dessa agroecologia que também é ancestral, porque nossos ancestrais também não plantavam com adubo químico. Tem gente vivendo aqui nessa região muito antes da gente né? E naquela época também não tinha adubo químico, e de alguma forma a terra produzia?

- Reis - Mas tinha! o adubo químico tem mucho muchos anos...

- João - Que idade que você tem?'

- Clare - Não, é muito mais velho que eu, eu sei... eu tenho 23 e eu sei que é muito mais velho que eu! mas a terra tem quantos mil anos?

- Reis - Mas é o que eu to dizendo, terra, tem dois lados de terra, é, tem três tipos de terra: tem a terra de primeira, tem a segunda e tem uma terceira que é a segunda bem fraca, é essas daqui...

- João - Aqui já não é a terceira não, já é menos que a terceira!

- Reis - é, essas daqui... aquelas terras de primeira, prá lá nois joga 1 litro de feijão nois colhe 1 saco, nois joga 2, 3 litros, 5 litros de feijão, ai nois ou bota trabalhador ou se for 1, 2 perde feijão. e para aqui não, para aqui você, você compra a semente já com adubo, você joga 5 litros de feijão, felicidade se apanhar 30.

- João - O feijão aqui sabe como é? É plantado, você tem o tempo de tu pegar um pouquinho de adubo chega em cada pé de feijão, um pouquinho assim é só pouquinho assim ó, no pé. o dia todo ali jogando, dali a pouco quando nasce o feijão cê vê as duas folhinhas né? ai tu joga e deixa o pé daquele jeito assim, pronto ai a pouco ocê vê outra manha. ai tu vê o moleque soltar carrego. outra coisa, se plantar sem o adubo químico, se ele sair mas num carrega.

- Clare - Mas então, só para a gente já daqui a pouco pausar ali, eu tenho uma reflexão para trazer aqui pro nosso papo. Eu acredito em todas essas palavras, que vocês estão contando aqui pra gente, a gente vai ter mais chances sempre de seguir aprendendo e conversando. Mais e mais eu espero. Mais assim eu penso, se realmente, se essa terra aqui não é de primeira para plantar, mais tem alguma coisa aqui, não sei, talvez nem seja coisa, coisa não seja a palavra certa, né? mas tem algo aqui que faz a gente querer ficar e faz a gente viver e viver bem e querer cuidar e guardar, porque não pode ser a toa que a família de vocês tá há quantas gerações aqui? e que a gente tá chegando aqui e que a gente tem esse desejo de ficar e de trabalhar, então só agradeço mesmo.

- Reis - Ah muitas, é. Pronto, então tem que agradecer. Mais um conhecimento a mais. Pensar: nós nem nunca existiu, ó nós aqui agora existindo?

- João - Nunca pensei em te ver, ó ai tu ai. Diego, eu topei Diego, longe! Tá pensando que foi aqui? Foi longe daqui, mas só que tem que quando ele chegou aqui eu disse: ih rapaz, eu conheço esse rapaz. aí digo: ó vei tu trabalha em tal doutor, te vi em tal lugar assim assim, 'ah, foi eu mesmo' e digo ah pois é, é ele mesmo”

- Diego - Po, que massa. é isso, pra mim é gratificante né? tá sempre aprendendo com vocês com as histórias mais incríveis que eu ouço aqui também, acho que ajuda nesse processo né não? ajuda! então acho que a gente tem que alinhar forças mesmo, né? todos juntos como uma grande família mesmo.

APENDICE B – ENTREVISTA CON MESTRE JOELSON

Entrevista aberta concedida en el final de la tarde del
Martes 04 de Abril de 2023,

Casa de Solange y Joelson, en la sala.

Assentamento Terra Vista, Arataca, Bahia, Brasil,

América Latina.

*Território do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST BAHIA),
Núcleo de base da Teia dos Povos*

Duración: 19min12s

Participantes: Mestre Joelson Ferreira, Christian Pinilla



Boa tarde mestre

- Joelson: Boa tarde

- Cristian: mestre uma pergunta, a gente conhece que na américa latina tem vários povos que tradicionalmente se reúniam para o trabalho. Na cordilheira dos Andes por exemplo, tem a Minga, que é uma forma de organização muito parecida com o mutirão, aqui conhecido no brasil. O que é que você acha sobre o mutirão como uma prática de trabalho cooperativo?

- Joelson: Essa é uma prática ancestral dos povos. Aqui no Brasil a gente chama mutirão, mas como você já disse em outros países falam outras línguas falam outras questões, mas é uma prática de juntar os povos para fazer aquilo que individualmente é impossível fazer. Então essa prática ela é uma das primeiras práticas da cooperação, mutirão é uma cooperação, é onde todo mundo se junta para fazer algo coletivo, algo, ou também um algo para uma pessoa individual, por exemplo é muito

usado para fazer a casa, no brasil era muito usado para fazer a casa do, da moça e do rapaz queria casar e tava sem condições então juntava e fazia a casa, tava precisando na colheita muita gente então juntava todos os vizinhos para fazer isso, então o mutirão é uma é a primeira prática da cooperação que é muito importante a gente aqui chama: cooperação simples e a primeira parte é a cooperação

- Christian: O senhor disse aqui no Assentamento Terra Vista que chama assim, ou em outros lugares também se conhecesse como cooperação simples?

- Joelson: Acredito que sim porque é a primeira fase da cooperação, é se juntar as pessoas sem nenhuma burocracia sem nenhum livro de ata sem nenhum compromisso afirmado escrito. É uma, é uma relação dos povos que se junta para fazer uma ação coletiva ou uma ação individual para ajudar uma pessoa.

- Christian: Falando sobre essas reuniões, sobre esses encontros mestre, a gente tem percebido muito depois da pandemia que tá acontecendo o movimento das pessoas estarem tentando ou algumas pessoas estarem voltando para, para o campo, para reocupar o campo e se juntado para esses trabalhos aí, ¿O que é que o senhor teria para dizer para essas pessoas que estão nesse processo de êxodo reverso que chamam?

- Joelson: Esse êxodo vai ser necessário para equilibrar o campo e a cidade, então é essa é uma mudança importante que está acontecendo no brasil e vai ser necessário para equilibrar o campo. Só que da forma que estão fazendo é uma forma para mim que eu não acho que é esse é o caminho, que é voltar a um grupo de classe média que tem dinheiro, chega nas comunidades, compra as terras das comunidades e depois faz ecovila, agrovila, essa coisa toda, para viver uma individualidade de cada um e aí, para mim eu acho que isso aí, não é o que eu desejo, o que eu sonho é que haja uma uma volta ao campo principalmente pelas pessoas negras, as pessoas pretas. E eu tenho uma palavra de ordem que gosto muito de falar: todo preto e toda preta tem que ter terra para morar e terra para plantar. Então nesse sentido eu acho que o povo da periferia a maioria, uma grande parte precisa abandonar as grandes cidades que não tem mais condição de ter vida ali. É muito difícil a situação, se compra tudo, tudo é preciso comprar, comprar fogo, comprar água, comprar até o ar é preciso comprar. Então é preciso que a gente reequilibre as cidades para reequilibrar o campo, então a volta desse pessoal organizado, do povo preto, do povo periférico, vai ser importante para retomar aquilo que antes era dos povos originários, as terras. Como houve uma matança muito grande dos povos originais, hoje eles estão em poucos, então precisa ir, a maior parte também foi para cidade, fugiram para os grandes centros. Então precisa rever isso aí. E também precisa, nós preto tem que trabalhar numa perspectiva de reparação. Muitas vezes a gente quer só a reparação com a educação essa coisa toda, é muito importante, mas a melhor, a maior reparação e que nós povo preto tem que começar a reivindicar é a reparação da terra. Porque nós fomos desterritorializados na África, trazido para o brasil, chegou aqui passamos um bocado de tempo escravizado e depois soltou a gente ao léu, sem eira nem beira. Então é preciso que o nosso povo, o povo preto retome essa luta pela terra e pelo território para retomar, para garantir terra para gente.

- Christian: Certamente mestre. Eu acho que nessa volta para a terra, a gente precisa algumas guias né, alguns conhecimentos que a gente perdeu também nesse processo de ir para cidade, e que a gente no processo de retomada da terra é também precisa retomar esses conhecimentos que são principalmente passados pela oralidade. São anciãos que tem esse conhecimento aí. E eu tenho percebido que a Teia dos Povos valoriza muito essa questão da oralidade

- Joelson: A Teia está tentando buscar e recolocando essa questão da terra e do território, da importância da terra e o território. Muita gente está falando de identidade, que é importantíssima essa questão da identidade, mas nosso povo só terá identidade se tiver terra e território. Sem a terra, sem o território não teremos identidade. Muitas vezes teremos uma identidade vazia. E também podemos ter um território urbano, reconhecer, a gente entender esse território, essa importância do território urbano. Mas é na terra que nós precisamos vingar nosso povo, vingar nossos antepassados. É na terra e no território que precisamos recuperar toda a ancestralidade que nós perdemos, é importante recuperar também essa questão da espiritualidade que nós perdemos, é importante retomar essa questão da cultura. Então nós precisamos trabalhar, é importantíssimo. E eu acredito que só com a terra e o território será possível retomar essas coisas. Então nesse sentido valorizar todos os conhecimentos ancestrais, lembrar eles para que a gente possa ser na terra, voltar para a terra. Não voltar para terra para ter terra sô, não é só terra, é muito maior do que a terra. É construir nossa existência. E também não é subsistência, é nossa existência na terra. Então nós precisamos trabalhar para isso, e isso é possível. Aqui mesmo na Terra Vista nós dentro de a partir de 2000 até 2023 hoje nós já recuperamos um bocado de coisa que nós tínhamos perdido. Ainda falta muita coisa que, para recuperar demora muito tempo. Por exemplo essa questão do alimento, da fartura do alimento essa coisa toda, isso demora 100 anos para recuperar. Então nós precisamos fazer um trabalho com as crianças, retomar a terra e o território para a gente poder construir aqui na terra o que nós sempre sonho que é a construção do paraíso na terra, então é possível fazer isso, nós aqui temos uma pequena referência que precisa melhorar muito aspecto muitas coisas melhorar. Essa questão da relação humana essa coisa toda, mas isso é um trabalho prolongado que é feito através da retomada da terra, e buscar uma perspectiva de fartura de bonança ou seja do bem viver essa perspectiva, e fortalecer a construção de uma grande comunidade forte. Então nesse sentido eu acredito que é urgente repetir mais uma vez, o nosso povo preto tomar essa consciência de que nós precisamos de terra para morar e terra para plantar, e precisamos construir no nosso território as comunidades do bem viver e dessa construção. E a Teia tá nessa busca, ainda é uma coisa muito pequena, muito pontual, mas eu acredito que com esse chamado com essa busca nós vamos se encontrar. Nós fizemos a primeira experiência de aquilombamento mas não foi bem planejado, então teve alguns problemas mas nós precisamos retomar essa questão de retomada da terra, do aquilombamento, pra gente construir uma perspectiva de humanidade aqui na terra e para nós preto pobre povo do gueto o povo da favela não tem outra alternativa se nós não voltar a retomar a terra inclusive com essa questão que eu tô falando de assumir essa responsabilidade com a nossa luta que é ancestral

- Christian: qual que o senhor acha que é o papel da oralidade dentro desses processos todos?

- Joelson: A oralidade é muito importante né, por exemplo nós aprendemos muito com oralidade porque isso é uma cultura do povo preto, dos povos originários né, porque usou muito pouco a escrita, nós era mais na oralidade, então esse conhecimento vai passar de geração para geração isso. Então isso precisa duas coisas simples que tem que fazer: cuidar das crianças e cuidar dos mais velhos que é a biblioteca ancestral que tá dentro de cada um, então tem que repassar esse conhecimento e a maior força disso é passar pela oralidade. É lógico que a gente deve incentivar a escrita para guardar as memórias, para recuperar as memórias, mas é importantíssimo que a gente assuma essa responsabilidade de trabalhar essa questão da oralidade. Por exemplo a questão do terreiro lúdico que nós tamos propondo, que a escola onde as crianças aprendem brincando e dialogando com os mais velhos, vendo as experiências, vendo as coisas boas de nossos antepassados, para ir repassando para essas crianças, para ter uma juventude, uma geração futura equilibrada. Então nesse sentido é preciso que a gente repasse esses conhecimentos da agricultura dos povos originários, conhecimento da agricultura do povo preto. Então enfim, todas essas culturas, todas essas discussões a gente tem que levar. E lembrando que a agricultura tem 10 mil anos, então foi passado de geração para geração através da prática e da oralidade. Então é muito importante essa questão da oralidade.

- Christian: uma última pergunta. No livro o senhor faz referência a como academia, os intelectuais eles foram se afastando um pouco de algumas lutas e foram deixando, com o senhor disse “esquecidas na ressaca” né? na boemia das esquerdas. O senhor acha que teria algum caminho, o senhor daria alguma dica, algum conselho para esses intelectuais que estão tentando fazer essas mediações entre os conhecimentos ancestrais e o espaço da academia?

- Joelson: Eu acho muito difícil porque dentro da academia foi construído, inclusive a academia não é um espaço nosso, não é um espaço nosso. É um espaço de acúmulo de conhecimento essa coisa toda, mas não é um espaço nosso. Então é por isso que eu defendo a construção dos territórios. É nos territórios, é nos locais onde a gente vive que a gente tem e aperfeiçoar esses conhecimentos. E a classe média pequena burguesia, não adianta nós ficar esperando que eles vão resolver nossos problemas, quem tem que resolver nossos problemas somos nós. É nós como classe, é nós como trabalhadores, nós como trabalhadora, nós como agente do nosso próprio destino, da construção do nosso próprio destino. Então nesse sentido eu acredito que os intelectuais tem muito pouco a acrescentar a esse processo de luta. É lógico que vai ter gente que vai se colocar à disposição para fortalecer esse processo, esses serão bem-vindos. Mas a maioria que tá na academia e academia não foi feito para isso, a academia foi para aperfeiçoar o conhecimento dos que manda, e também é local para a gente ir para lá para obedecer aos que manda. Então a educação para nós dentro desses espaços é uma educação que a gente precisa ter muito cuidado, porque caso contrário, a gente se transforma um deles. E não é não é isso que nós queremos, nós queremos ser nós mesmo, nós precisamos construir uma cultura nossa. Voltar dessa questão de lembrar nossa ancestralidade, nossa espiritualidade e nós temos que construir um caminho nosso. O caminho da classe média, o caminho das elite, o caminho da burguesia é outro caminho que não é o nosso. Então se nós queremos superar esse processo aí que é o capitalismo, nós temos que construir outra perspectiva de sociedade fora disso. Todas as pessoas que entraram para dentro ou se acomodaram, ou vestiram as roupa deles, ou se constituiu dentro das teses deles,

e as teses deles a maioria não serve para nós, pode ter muito conhecimento e essa coisa toda mas não serve na totalidade para nós. Então o nosso caminho é nós por nós, para garantir uma perspectiva de vida de abundância, de humanidade de construção nossa. Então nesse sentido eu vejo o papel da academia, das universidade, muito restrita para dar vazão a essa perspectiva que nós queremos construir, que essa perspectiva eu acredito só por nós e nós mesmo que é possível sem reconstruído lembrando nosso antepassado, lembrando nossa história e lembrando também o cuidado com a terra e com outros seres da terra, que não é só nós, nós somos a parte menor disso. Então nós temos que entender isso e avançar e não perder de vista essa questão de retomada da terra e do território. Se nós não tivermos essa perspectiva não inicia porque a terra e o território é poder, a terra é poder, e a partir da terra é o primeiro princípio que nós temos que ter. Nós não tem outro planeta, só tem um planeta terra, então esse é o princípio de nós reconstituir, de se reconstruir, ter a capacidade de ter poder para produzir a nossa própria comida, produzir nossas ferramenta, produzir nossas roupas, produzir nosso viver. Que o nosso viver não tá dentro da academia e nem tá dentro do sistema capitalista, o sistema capitalista é outra questão que veio para oprimir os pobre, veio para oprimir e não temos espaço ali dentro. Então não adianta essa ilusão de nós querer construir, destruir o capitalismo por dentro que não vai ter isso ai. Eles são muito mais esperto que nós e não é à toa que eles estão há tanto tempo mandando, então nós precisamos construir outra perspectiva a partir das coisas, a partir dessa tomada de consciência nossa e além da tomada é nos radicalizar a nossa prática, é preciso radicalizar nossa prática, é preciso radicalizar a nossa perspectiva de que outro mundo é possível. Nesse sentido eu vejo que só tem solução se nós encarar a nossa responsabilidade que nós temos para retomar as outras questões que é importante, retomar os meios de produção da mão da burguesia, retomar a construção de outro mundo através do nosso olhar para nós e para o nosso viver e o viver com os outros seres que tá aqui na terra que precisa de respeito, de cuidado e principalmente com a terra.

- Christian: Certo mestre, muito obrigado, viu

- Joelson: De nada, ta beleza então.

APENDICE C – ENTREVISA CON CLARENOIS

Entrevista abierta concedida en el final de la tarde del
Sábado 08 de abril de 2023

Acabaça, Centro de Estudos Integrals Florestan Fernandez

Assentamento Terra Vista, Arataca, Bahia, Brasil,
América Latina.

*Território do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST BAHIA),
Núcleo de base da Teia dos Povos*

Duración: 20min07s

Participantes: ClareNois, Christian Pinilla



Christian: Oi Clare

Clare: Olá boa tarde

Christian: Clare, nos conta um pouco quem é você, como chegou aqui nesse território, por favor

Clare: Eu me chamo, Clarenos, sou uma jovem sem terra de 24 anos. Hoje moradora do assentamento Terra Vista aqui em Arataca na Bahia. Assentamento fruto da luta do MST e o núcleo de base da Teia dos Povos. Minha família é mineira, mas eu sou nascida em São Paulo e ao longo de toda uma vida uma trajetória, sai de SP aos 16 anos de idade, num processo de retorno á terra, as águas e á luta organizada coletivamente. Tenho vivido uma transição agroecológica nos últimos cinco anos e

dois anos atrás durante a pandemia, me entendi pela primeira vez como Sem Terra e decidi atender ao chamado de me organizar territorialmente num assentamento de reforma agrária no sul da Bahia. Foi então que eu conheci abrigado Ojefferson Santos e ao convite do companheiro Neto Onire conselheiro da Teia, tomei a decisão de me territorializar, viver em comunidade me dedicando aos processos organizativos da luta, soberania alimentar e ao estado de revolução permanente como diria o companheiro Neto, ou seja, ao viver o mundo que a gente acredita de outras relações sociais, de outras relações humanas e não humanas agora. E desde então no encontro com a minha espiritualidade, com os povos, com os guerreiros e guerreiras, tô entendendo que eu sempre fui sem terra e que hoje eu tô me encontrando né, criando raízes sendo aprendiz da floresta aqui na mata atlântica, sul da Bahia, territórios de resistência organizada, salve!

Cristian: Eu cheguei aqui tal vez e também pela presença de Clare aqui nesse assentamento, então é muito importante para mim e faz parte do meu movimento o seu movimento, sacou? Porque ele me chamou também, ele trouxe eu até aqui. Você fala uma coisa muito linda que é: você tomou a decisão de se territorializar. Eu queria saber um pouco como tem sido isso para você, essa questão de se territorializar. Você se considerava antes uma pessoa que não tinha um território, ou você tinha e saiu de lá? como que é essa relação de você com o território?

Clare: Hoje em dia, quando eu vejo para a situação das grandes cidades e o modelo de organização social colonial fruto de um projeto genocida de aniquilamento de saberes, de afetos, eu entendo que todas as forças hegemônicas do capital, do poder colônial, agem para que as pessoas que crescem nessas babilônias nessas grandes urbes, sejam pessoas desencantadas, pessoas que vivem e doam suas vidas para o funcionamento de um sistema de produção de desigualdade e violência que tem alvo né? Os povos e comunidades tradicionais, os povos pretos, os povos marginalizados LGBT e principalmente a mãe terra né? Então eu entendo que apesar de tudo isso, de alguma forma o chamado da terra e das águas sempre me encaminhou para que hoje eu pudesse estar onde eu tava. Mas quando eu falo sobre me territorializar, eu falo desde o processo de amadurecimento político, de entendimento de que não é possível se organizar para enfrentar e seguir resistindo a esse sistema da morte, não tem caminho que não seja coletivo, e para um coletivo poder funcionar de uma forma que tenha uma própria organização do trabalho, que tenha uma própria geração de renda, uma educação que sejam insurgentes, é necessário ter terra e território. Não basta ter só a terra, tem que ter a comunidade, tem que ter as relações sociais, tem que ter os princípios os valores. E hoje me entendendo como sem terra eu entendo que os princípios e os valores de se territorializar é poder viver em defesa da mãe terra, das águas e aliada a ela, companheira a ela, produzir o seu onde morar, produzir o seu comer, produzir o seu trabalho e assim gerar riqueza, riqueza que é sabedoria, riqueza que é companheirismo, riqueza que é poder decidir quando, com quem e como você vai trabalhar, sem ter que se vender. E de poder estar em comunhão né? com o que o território permite que é o que? é a sombra de uma árvore, é a beira do rio, é um companheiro uma companheira que tá ali para beber um café, trocar uma ideia. Então quando eu falo de me reterritorializar me territorializar, eu falo no sentido de me organizar na luta orientada ao modo de vida que tá profundamente conectado com tudo que há de mais encantado da mãe natureza, do planeta terra e do cosmos.

Christian: a gente percebe que essa reterritorialização ou territorialização esta acompanhada da mãe terra, não tem como acontecer sem a mãe terra né? Não são só as relações entre as pessoas, mas também, né? E com a terra. Mas eai parece, como tem sido a suas experiências de trabalho no sentido da suas relações com as pessoas no trabalho mesmo, na organização para o acontecer da comunidade do seus ideais também?

Clare: O trabalho para a libertação, ele dá mais trabalho do que o trabalho para o capital. Ele é disposição 100%, ele é prontidão, ele é atenção. Ele é estar vigilante o tempo inteiro para o bem do todo, para o bem do coletivo e para bem do individual, para que as coisas fluam. Porque quando a gente se desvincula do tempo do capital e começa a viver outros tempos, a gente se auto organiza no trabalho, mas o trabalho também flui de acordo com vários fenômenos né? e o tempo e o espaço que acontece no território, e as relações. Existem relações que são por tempo, experiência, as pessoas que fazem esse trabalhos há mais tempo; geralmente a gente vai procurar cada qual na sua área né? Então aqui no território eu percebo que o mais revolucionário da luta dos povos é a libertação do trabalho para o outro e poder ditar sobre seu corpo, seu tempo, seus afetos. Então para isso também tem que ter uma boa relação de trabalho entre nós, e aqui isso é muito forte né? Os mutirões, a troca de dias de trabalho. E quando se trata do coletivo dos trabalhos de manutenção da vida na comunidade, sempre a gente tem que saber quem procurar né? que tem a experiência a sabedoria para saber quais são os caminhos e como podemos nos mobilizar para rapidamente resolver. Isso é autonomia né? Então o primeiro trabalho coletivo que eu trabalhei no assentamento onde eu morava o assentamento popular Joares Araujo, foi de arrumar a fiação elétrica, e eu lembro como eu fiquei impressionado de ter lá, primeira semana debaixo da lona preta e falar - porra, aqui acaba a energia e a galera mesmo resolve, aqui a água falha, mas aí na hora mesmo a gente chega ali com uma mangueira e quem sabe, sabe e arruma. E aqui no Terra Vista isso é impressionante né? a gente tem todas as frentes de linha de trabalho que a comunidade se autogestiona né? não só tomou os meios de produções mas tomou para mostrar que quem tem a sabedoria também de como produzir são os povos né? são os povos sem terra, são os trabalhadores as trabalhadoras, são as mulheres, não são os ricos poderoso. Agora não é fácil né? ressignificar o trabalho e ver tudo isso, a realidade é que muitas das próprias pessoas que vivem nas comunidades as vezes não vem né? Porque como eu falei, dá trabalho, é muito trabalho, só que bom é poder escolher também né? que que você vai trabalhar. Acordar e ser livre para isso né? ou tá lutando para ter essa liberdade

Christian: Deixa eu te perguntar uma coisa, você tá aí encarando um projeto de bioconstrução, como que tá sendo esse trabalho assim, como que você tá juntando as forças para isso? Esses mutirões, como que eles estão acontecendo? e como eles estão te ajudando para você avançar nesse seu sonho?

Clare: O primeiro trabalho é sempre o trabalho de base, ele começa com a gente criando as nossas próprias bases para poder caminhar pela autonomia, porque se a pessoa não sabe seus fundamentos, as suas bases, ela não vai ter base nenhuma com mais ninguém. Então alinhar o sentido da luta, como podemos contribuir, como podemos aprender, onde queremos chegar, é o primeiro trabalho consigo e com sua missão espiritual e ancestral. Dado isso, é estar junto da comunidade né? é estar pela comunidade. Então hoje para poder estar realizando esse sonho de construir a minha

casa de pau e barro, na base do trabalho solidário, do companheirismo, do saberes e fazeres ancestrais dos povos daqui, isso vem primeiramente o abre caminhos da espiritualidade que me permitiu estar aqui, que me permite estar aqui, trabalhando para cada dia mais poder ser uma guerreira mais pertinente para nossa grande luta. Depois dos mais velhos aqui do assentamento que e de outros assentamentos que me ensinaram que a pessoa sem terra tem que se organizar, tem que organizar sua moradia e organizar sua plantação para poder dar linha na luta, para poder lutar . para não faltar onde tá e se acolher a si mesmo e as suas companheiras e nem como encher o bucho. Então a partir disso eu tive que ter coragem né? e falar com as companheiras e companheiros desse sonho e convidá-los para sonhar comigo, e no reconhecimento cotidiano né da sabedoria de cada qual no que faz e reconhecendo como cada pessoa pode contribuir nesse processo e pode sonhar junto. Ai tem um trabalho de mobilização dos mutirões né? a mobilização para os mutirões é de casa em casa, de porta em porta, tomando um cafezinho. E não é só uma vez não, chamou para um mutirão tem que estar todo dia ali fortalecendo, tem que garantir que as ferramentas vão estar lá, que os profissionais que sabem fazer vão estar lá, que o tempo tá certo, que não tá sol demais, que não tá chuva demais, que a lua tá alinhada, que a espiritualidade tá ali presente guiando. E nunca é bom que ninguém trabalhe com fome né? que o tempo dos coronéis já passou, então é sempre bom organizar alguma coisa, pelo menos para merendar né? e também sempre confiando de que tudo flui para que o ciclo da abundância esteja do começo ao fim nos mutirões, e nos processos de organização do trabalho. E eu sou muito feliz de contar com companheiros e de hoje estar construindo uma casa sem nunca nem ter feito isso, junto de Gleidson e de todas as companheiras e companheiros e cada qual que aparece e dá uma forcinha numa etapa, tá saindo e vai ficar linda. Tudo isso na base da autonomia mesmo, né? E não na base da venda do trabalho. Na base do companheirismo e nos mutirões, da troca, da reciprocidade.

Christian: Vem cá, e esse trabalhos com a Teia dos Povos, esses projetos que estão surgindo aí, e que eu sei que você tá aí trabalhando, fortalecendo. Como está sendo essa experiência para você e como estão suas expectativas?

Clare: Na vida da luta a gente nunca pode criar expectativas. A gente tem que ver caminhos, ações, reflexões e cuidados para poder estar firme nesses caminhos. Ouvir os mais velhos e reconhecer a caminhada deles. Então nesse sentido eu tenho vivido um processo de estar vivendo cada etapa para poder caminhar da forma que eu acredito, através da ação e da prática, poder viver o projeto que eu acredito para juventude durante a minha juventude né? ao mesmo tempo que me movimentando com outres jovens que também estão nessa caminhada. E a minha experiência como militante da Teia dos Povos é que a pedagogia da autonomia e a luta pela autonomia, por terra e território, ela ensina na prática. Então estando nos espaços dos mutirões, pre-jornadas, vivências da teia dos povos, eu fui entendendo como os povos se articulam, o que é a Teia, e venho entendendo como posso tá agindo né? E sendo. Mas isso tá extremamente relacionado com o modo que eu vivo no cotidiano aqui na comunidade, porque agroecologia não é um conceito, agroecologia não é um modo agrícola ou uma técnica. Quando a gente fala da ancestralidade, da semente crioula, da articulação dos povos, a agroecologia é só mais uma palavra para falar de um modo de vida que ta relacionada a como a gente se relaciona com as pessoas ao nosso redor, com as entidades que estão presentes, com as forças da natureza, com nosso

alimento, com o nosso trabalho. Então através da teia, sendo hoje Teia dos povos, eu entendo que a transformação e a organização, ela é entorno do trabalho, da manutenção da vida e dos cuidados. Que é o que a gente faz quando a gente ta indo uns nas comunidades dos outros, para se escutar, para fortalecer nossas escolas, para plantar, para trocar experiencias, para reconhecer os espaços de cada qual.

Christian: Você falo algo importante sobre o reconhecimento da sabedoria e do conhecimento dos mais velhos, que estão na luta e vem nos ensinando muita coisa; e a gente sabe que isso é obviamente perpassado pela oralidade né? é conhecimento que a gente não recebe no papel nem num modelo da academia. Como você encara esse processo de oralidade?

Clare: eu estou até um pouco receosa assim trocando essas palavras aqui, porque eu to vivendo um processo nos últimos três anos para cá, de muito mais escuta do que fala. E eu percebo que a oralidade, principalmente a contação de histórias, contação de causas, resenha na Bahia e mil e um outros processos, ela é dos povos indígenas, dos povos pretos, dos povos tradicionais, ela é realmente o que alimenta a resistência né? nutre a resistência desde muitos locais, e eu percebo isso muito isso nos espaços. Então retornando ao começo, eu como uma pessoa que cresci na cidade com vários privilégios e ao longo da vida fui me radicalizando no processo de me reorganizar na luta e me reconhecer na luta, eu venho vivendo cada vez mais esse processo de escuta, e de falar somente quando é necessário, e as vezes de não falar, e de reconhecer que eu realmente não fui ensinade a contar histórias, a contar causas, eu não cresci com essa tradição, por conta e fruto de todo o processo histórico colonial urbano. Então eu não sei se um dia vou aprender ou não aonde eu vou aprender ou não mas sou muito grata por poder escutar nossas mestras, nossos mestres, cacique Nailton, Maria Munis, Solange, mestre Joelson, dona Conceição, todas as anciãs e anciões e as crianças também que são a semente e acabaça dessa resistência e que seguem, e que contam, e que gostam, e que sabem. Então eu sou grata á oralidade que hoje é a grande escola que me acolhe também, que é um colo né? e que não deixa de ser uma retomada também, acho que é isso.

Caminhos abertos, proteção e força para todas nossas guerreiras, nossos guerreiros, nossos guerreiros seguirem na batalha aí, sabendo que estamos avançando passo a passo no caminho da revolução dos povos no Brasil

Christian: E no mundo, value Cla.

APENDICE D – CUESTIONARIO DE ENTREVISTAS SEMIDIRIGIDAS

Entrevista a integrantes de Terra Livre

- 1) Apresentação: nome, idade, cidade onde nasceu.
- 2) Conte um pouco sobre sua chegada em Terra Livre, quais eram suas necessidades, motivações e expectativas? Quais foram suas primeiras impressões e desafios que enfrentou?
- 3) A convocatória para compor Terra Livre está no site da Teia dos povos e, geograficamente, estamos no assentamento Euclides Neto II, do MST, no Sul Baiano. Qual é seu pensamento sobre entidades de luta pela terra?
- 4) Como está sendo sua experiência de transição cidade/campo? O que você considera mais importante na sua decisão de vir morar no campo?
- 5) Em Terra Livre você encontrou pessoas de diversas regiões do país. Como foi esse encontro? Como foi lidar com as diferenças? O que você poderia mencionar como fatores motivacionais para trabalhar com essas pessoas? (vínculos, afinidades, afetos, necessidades etc.)
- 6) Em uma frase (ou pouco mais que isso) descreva o que cada uma dessas palavras representa pra você: Agroecologia - Terra - Território - Territorialização - Corpos – Luta - Autonomia - Aquilombar-se - Militância - Terra Livre
- 7) Conta alguma situação ou momento que te marcou muito durante as experiências em Terra Livre
- 8) Tem alguma observação, recomendação ou proposta que você daria para a configuração de outros territórios como Terra Livre?
- 9) Gostaria de dizer algo para quem esteja assistindo esta entrevista?

APENDICE E – ENTREVISTAS CON INTEGRANTES DE TERRA LIVRE

🌿 Entrevista con Bruno

Entrevista semiestructurada, concedida en el final de la tarde del
Martes 18 de octubre de 2022

Topo de una montaña en el

*Serra do Tororó, Assentamento Euclides Neto II, Ibirataia – Bahia, Brasil,
America Latina*

Território da Brigada Ojeffersson Santos,

do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST - BAHIA),

Núcleo da Teia dos Povos.

Participantes: Bruno, Christian Pinilla



🍃 Entrevista con Viviane:

Entrevista semiestructurada, concedida en el final de la mañana del
Miércoles 19 de octubre de 2022

*Barraca de Viviane, construída con palos, clavos, cipó, lona y paja,
Serra do Tororó, Assentamento Euclides Neto II, Ibirataia – Bahia, Brasil,
America Latina*

*Território da Brigada Ojeffersson Santos,
do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST - BAHIA),
Núcleo da Teia dos Povos.*

Participantes: Viviane Silva, Christian Pinilla



🍃 Entrevista con Claudir:

Entrevista semiestructurada, concedida durante la mañana del
Domingo 23 de octubre de 2022

*Serra do Tororó, Assentamento Euclides Neto II, Ibirataia – Bahia, Brasil,
America Latina*

*Território da Brigada Ojeffersson Santos,
do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST - BAHIA),
Núcleo da Teia dos Povos.*

Participantes: Claudir, Christian Pinilla

